

PATRÍCIA DE OLIVEIRA BORGES E SOUZA

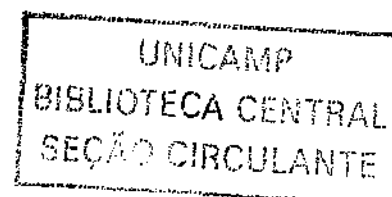
ESTUDOS DE ASPECTOS DA LÍNGUA KALABI (TUPI)

200408428

Dissertação apresentada ao curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística

Orientadora: Prof^ª Dra. Lucy Seki

Campinas
Unicamp
2004



UNIDADE EC
Nº CHAMADA III/2004
So89e
V _____ EX _____
TOMBO BC/ 58432
PROC 16-113-04
C _____ D K
PREÇO R\$ 11,00
DATA 18-06-04
Nº CPD _____

CMD00198120-B
Bibid: 317252

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

So89e

Souza, Patrícia de Oliveira Borges e
Estudos de aspectos da língua Kaiabi (Tupi) / Patrícia de Oliveira
Borges e Souza - Campinas, SP : [s.n.], 2004.

Orientadora : Profª. Drª. Lucy Seki
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua indígena - Brasil. 2. Gênero. 3. Escrita. I. Seki, Lucy. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da
Linguagem. III. Título.

MESTRADO EM LINGÜÍSTICA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lucy Seki - Orientadora

Prof. Dr. Angel Corbera Mori

Prof. Dr. Cristina Martins Fargetti

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Patrícia de Oliveira

Borges e Souza

e aprovada pela Comissão Julgadora em

14/04/04.

Lucy Seki

RESUMO

Esta dissertação apresenta estudos de alguns aspectos da língua kaiabi (Tronco Tupi, família Tupi-Guarani), falada no Parque Indígena do Xingu, por um grupo de 747 indivíduos, e no Rio dos Peixes (Tatuy) e no Telles Pires, sem estimativa de indivíduos. A pesquisa desenvolvida se restringiu ao grupo xinguano.

Inicialmente, apresentamos um apanhado geral de trabalhos já feitos sobre a língua em questão, acrescentando algumas observações resultantes da pesquisa realizada. Abordamos alguns aspectos pouco descritos na literatura, como é o caso de marcas de gênero (3ª pessoa e interlocução) e demonstrativos. Finalizamos com uma reflexão sobre as implicações desses aspectos e a produção escrita no contexto da formação de professores kaiabi, visto que as marcas de gênero (na 3ª.pessoa e na interlocução) e o uso dos demonstrativos estão estritamente relacionados à oralidade.

Palavras-chave: Língua indígena – Brasil, Gênero, Escrita

ABSTRACT

This dissertation presents studies regarding some aspects of the language kaiabi (Tupi), spoken in the Parque Indígena do Xingu, by a group of 747 individuals, and also in the Rio dos Peixes and Rio Telles Pires, without estimate of individuals. The developed research is restricted to the group settled in Xingu.

Initially, we present general aspects contained in works already published about kaiabi language, complemented by with some results issued from our research. We also approach some aspects barely described. As in the case of gender marks of sort (3ª person and verbal interaction) and demonstratives. We finish with a reflection on the implications of these aspects and the production written in the context of education of teachers kaiabi, since gender marks and the use of the demonstratives are strictly related to orality.

Key-words: Língua indígena – Brasil, Gênero, Escrita

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Prof^ª. Dra. Lucy Seki, por todo o incentivo dado, desde a graduação, para o trabalho com povos indígenas e, de modo particular, por ter me indicado para o trabalho com o povo Kaiabi.

Ao Prof. Dr. Angel Corbera Mori e à Prof^ª. Dra. Cristina Fargetti que se dispuseram a ler esta dissertação em tão curto prazo, devido às circunstâncias.

A todos os kaiabi que me acolheram em suas aldeias e àqueles que me acolheram em suas casas. Agradeço imensamente a Sirawan, Jemy, Matari e Aturi por me ensinarem o pouco que sei.

Ao Instituto Socioambiental por ter auxiliado nas viagens a campo, possibilitando a realização desta pesquisa.

Ao Helder, companheiro de vida e, agora, de trabalho, pelo apoio e incentivo em todas as etapas até a finalização dessa dissertação; pela disposição e interesse de se tornar amigo dos meus amigos xinguanos. Por ter superado os (longos) períodos de minha ausência...

Aos meus pais, Joaquim e Míriam, por sempre respeitarem minhas decisões e me apoiarem, incondicionalmente, em todos os sentidos, para a realização desse trabalho. Agradeço por ajudarem a “alongar” as horas, fazendo tudo que não teria tempo para fazer sozinha. Por terem aberto as portas e o coração a estes novos amigos.

À Isabela, Lelo e Carolina, pelos almoços, jantares e programas com meus hóspedes. Também por terem recebido todos de braços abertos.

Agradeço à Cilene, pelas longas conversas, pelo incentivo e apoio dados no início do trabalho no Xingu. À Cristina Borella, prova de que a amizade supera a distância, pela imensa ajuda na elaboração desta dissertação.

À Helena (nossa Lena), por estar no lugar e momento certos, permitindo a finalização deste trabalho.

Ao Paulo e Léo, por entenderem minha atribulação e desculparem minha (imperdoável) falta de atenção.

À Laís, por ter chegado à minha vida e se tornado força motriz para o desenvolvimento deste trabalho.

A todos que direta ou indiretamente estiveram presentes em momentos cruciais da elaboração dessa dissertação. De modo especial, Elenice, René, D^a Nice, Sr. Élson e Jucelina.

Acima de tudo, agradeço a Deus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
I. INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS KAIABI	11
1.1. O povo Kaiabi	11
1.2. A Língua Kaiabi	17
1.3. Materiais sobre a língua	18
1.4. Os dados	20
II. ASPECTOS GERAIS DA LÍNGUA KAIABI	22
2.1. Fonemas em Kaiabi	22
2.1.1 Consoantes	23
2.1.2. Vogais	24
2.2. Tipos de sílabas	24
2.3. A Morf fonêmica Kaiabi	26
III. ASPECTOS DÊITICOS	37
3.1. Dêixis Pessoal	39
3.2. Aspectos dêiticos espaciais	45
IV. CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONOMES PESSOAIS E	55
DEMONSTRATIVOS X ESCRITA	55
4.1. Escolas Kaiabi no PIX	55
4.2. Alfabeto Kaiabi	57
4.3. Produção escrita	59
CONCLUSÃO	64
BIBLIOGRAFIA	67
ANEXOS	74

ABREVIATURAS

col	Coletivo
cop	Cópula
dem	Demonstrativo
dim	Diminutivo
HF	Homem falando
inter	Partícula interrogativa
intens	Intensificador
intMM	Interlocução - mulher falando para mulher
intMH	Interlocução - mulher falando para homem
intHM	Interlocução - homem falando para mulher
intHH	Interlocução - homem falando para homem
loc	Locativo
mn	Marcador nominal
posp	posposição
PrL	Pronome Livre
refl	Reflexivo
tn	terminação verbal da forma narrativa
V[vert]	Verbo auxiliar posicional [estendido, vertical]
V[hor]	Verbo auxiliar posicional [estendido, horizontal]
V[n-est]	Verbo auxiliar posicional [não estendido]
1s	Primeira pessoa do singular
2s	Segunda pessoa do singular
3s	Terceira pessoa do singular
3sfH	Pronome pessoal de terceira pessoa do singular feminino na fala de homem
3smH	Pronome pessoal de 3ª pessoa do singular masculino na fala de homem
3sfM	Pronome pessoal de 3ª pessoa do singular feminino na fala de mulher
3smM	Pronome pessoal de 3ª pessoa do singular masculino na fala de mulher
1pe	Primeira pessoa do plural exclusiva
1pi	Primeira pessoa do plural inclusiva
2p	Segunda pessoa do plural
3p	Terceira pessoa do plural
3pH	Pronome pessoal livre de terceira pessoa do plural na fala de homem
3pM	Pronome pessoal livre de terceira pessoa do plural na fala de mulher
3refl	Prefixo de terceira pessoa reflexivo

SÍMBOLOS/ DIACRÍTICOS

*	agramatical, não aceitável
~	alternância
/ /	forma fonológica
[]	forma fonética

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é apresentar estudos de alguns aspectos da língua kaiabi, pertencente ao tronco Tupi, família Tupi-Guarani (Rodrigues, 1986), de modo particular pronomes pessoais (focalizando os de 3ª pessoa) e demonstrativos, limitados ao nível da sentença e de pequenos textos (portanto, não serão abordados aspectos anafóricos e catafóricos). Antes de se chegar a estes tópicos, será apresentado um breve resumo de aspectos dessa língua, com base em trabalhos de Rose Dobson (1973, 1988, 1997), Helga Weiss (1961) e Weiss & Dobson (s.d.)

Na literatura existente sobre o povo Kaiabi, diferentes denominações aparecem - Cahahis, Cajabis, Kajabi, Caiabis, Cayabi, Kayabi. Diante desta diversidade, será adotada a grafia utilizada de acordo com a convenção em uso nas escolas kaiabi do Parque Indígena do Xingu - *Kaiabi*.

A língua kaiabi é falada pelo povo Kaiabi que hoje se concentra principalmente em quatro Terras Indígenas: Terra Indígena Apiaká-Kayabi, Terra Indígena Cayabi e Terra Indígena Cayabi Gleba Sul e Parque Indígena do Xingu (doravante PIX). Há uma parcela dos kaiabi, aquela que recusou a transferência para o PIX na década de 50, localizada na região do Rio dos Peixes ou Tatuy (Terra Indígena Apiaká-Kayabi), somando 85 habitantes dentre Kaiabi, Munduruku e Apiaká, e na região do Baixo Telles Pires (Terra Indígena Cayabi e Terra Indígena Cayabi Gleba Sul), totalizando 387 indivíduos entre Apaiká, Munduruku e Kaiabi. Não há dados específicos da população Kaiabi destas regiões (Instituto

Socioambiental, 2000). Há, ainda, alguns kaiabi em uma aldeia Umutina, na Terra Indígena Umutina, reconhecidos como parentes pelos kaiabi do PIX em visita à aldeia em julho de 2001.

No PIX, a língua kaiabi é falada por 747 indivíduos (Instituto Socioambiental, 2000), na região conhecida pelos moradores do Parque como baixo Xingu, espalhados em 10 aldeias ao longo dos rios Arraias e Xingu. A população é predominantemente bilíngüe, com uma pequena diferenciação entre homens e mulheres: os homens entendem e falam o português e o kaiabi e grande parte das mulheres entende e fala o kaiabi, mas não falam o português (somente entendem esta língua). As crianças são predominantemente monolíngües em kaiabi, tanto quanto menores forem, de acordo com o que se pôde observar nas visitas às aldeias.

Até o final da década de 40, o povo Kaiabi teve pouco contato com a sociedade envolvente, mas, a partir desta data, vários estudos etnográficos e lingüísticos foram feitos. De modo particular, no que diz respeito aos estudos lingüísticos, Rose Dobson e Helga Weiss, duas missionárias do SIL, publicaram diversos estudos sobre esta língua (vide bibliografia), dentre eles uma gramática voltada ao aprendizado da língua e um dicionário – tese de doutorado defendida em 98.

No entanto, durante o período de assessoria aos professores kaiabi no contexto do projeto de formação de professores indígenas do PIX, alguns aspectos me chamaram a atenção: os pronomes pessoais, de modo especial os de terceira pessoa, os marcadores de interlocução definida e os demonstrativos. Estes são os focos principais deste trabalho, ainda que a investigação sobre tais assuntos não tenha sido exaustiva.

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta um breve histórico do povo Kaiabi, sua transferência para o PIX e informações sobre a língua

falada por eles. Há, também, levantamento de materiais bibliográficos sobre a língua e informações sobre os dados da pesquisa.

No segundo capítulo, são apresentados aspectos gerais da língua, com base nos estudos feitos por Dobson (1973, 1988, 1997), Weiss (1961) e Weiss & Dobson (s.d.).

O terceiro capítulo trata de alguns aspectos dêiticos da língua – os pronomes pessoais, com ênfase na terceira pessoa e nas partículas marcadoras de interlocução e apresenta uma análise dos pronomes demonstrativos.

Finalmente, no quarto capítulo, são apresentadas algumas considerações sobre a produção escrita no contexto da formação dos professores, de modo particular no que se refere aos pronomes de terceira pessoa e os demonstrativos. São apresentadas, também, informações sobre as escolas kaiabi e questões relativas ao alfabeto em uso.

I

I. INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS KAIABI

1.1.O povo Kaiabi

Os kaiabi que hoje estão localizados no Parque Indígena do Xingu foram para lá levados pelos irmãos Villas Bôas após a Expedição Roncador-Xingu, na década de 50 e 60. Antes disso, o povo Kaiabi se concentrava ao longo do Rio São Manuel ou Telles Pires em dois grandes aglomerados de aldeias, próximos um do outro, até por volta de 1920 (Villas Bôas, 1989), período em que a região começou a ser ocupada por seringueiros. Nessa época, a Inspetoria dos Índios em Cuiabá instalou o primeiro posto de atração (Posto Pedro Dantas), mas as relações entre os kaiabi e os encarregados do posto sempre foram hostis.

Desde a primeira menção direta aos kaiabi em um documento escrito (1850, com a publicação dos relatos do viajante francês Francis de Castelnau) até a década de 40, eles eram pouco conhecidos, porém, a literatura mostra que outros povos já se referiam a eles como “tribo hostil” ou “índios bravios” (*apud* Senra, 1999). Há relatórios de expedição, como a comandada por Antônio Pyrineus de Souza (1916), e trabalhos etnográficos sobre este povo

como os de Grünberg e Max Schmidt (Travassos, 1993), nos quais aparecem com diferentes denominações - Cahahis, Cajabis, Kajabi, Caiabis, Cayabi, Kayabi.

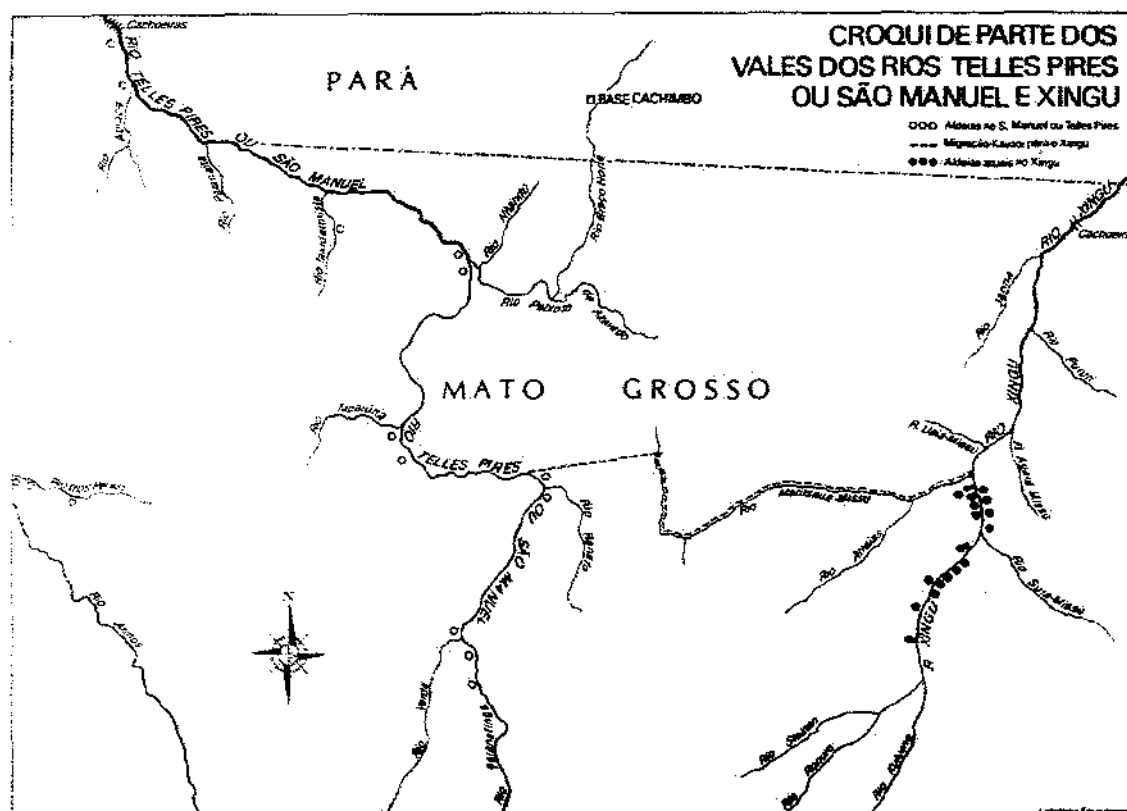


Figura 1 - mapa extraído do livro *Xingu - Os Kaiabi do Rio São Manoel* (Villas Bôas, 1989)

Os kaiabi não sabem dizer de onde veio este nome, nem seu significado. Não têm, também, nenhuma outra autodenominação. Nos textos, quando se referem ao próprio povo, utilizam a palavra *e 'yj'*¹, que são os antepassados, já mortos. É provável que o nome kaiabi seja a forma como outros grupos se referiam a eles, talvez os Apiaká, Bakairi ou Munduruku, visto que foi através destes grupos que vieram as primeiras informações sobre os kaiabi ainda no século XIX. Grünberg (*apud* Senra, 1999) sugere que a autodenominação seria *iputumuun*,

¹ As palavras kaiabi em itálico ao longo do texto estão grafadas de acordo com a convenção em uso nas escolas kaiabi do PIX. A vogal média alta é grafada com *y*, as aproximantes com *w* e *j* para a bilabial e palatal, respectivamente e a glotal é grafada com o símbolo '.

“nosso pessoal”; segundo von den Steinen, a autodenominação seria *paruá* (*apud* Meliá, 1993), mas nenhuma das possibilidades se confirma entre os kaiabi.

Em 1949, quando Cláudio e Orlando Villas Bôas contactaram os kaiabi, estes estavam divididos em dois grandes grupos: seis aldeias no Rio Telles Pires – com o qual travaram contato – e outro, mais isolado, no Rio dos Peixes, região conhecida como Tatuy, que é o nome dado a este rio pelos kaiabi. Os kaiabi se envolveram nos trabalhos da Expedição Roncador-Xingu e, diante da pequena perspectiva de sobrevivência cultural do grupo em sua área tradicional e vislumbrando a possibilidade de transferência para o PIX, as famílias foram se mudando para esta região, até que em 66 foi transferida por avião uma parte dos índios da região do Tatuy, conhecida como “Operação Kayabi” (Senra, 1999).

Segundo relatos dos próprios kaiabi, Prepori – que havia dado apoio aos Villas Bôas na viagem para contato com os kaiabi do Tatuy e que era um dos líderes do grupo do Telles Pires na época, viajou até o PIX pelo mato, conheceu a região, observou os lugares adequados para a construção das aldeias, voltou para junto de seu povo e foi um dos primeiros a se mudar para o PIX com a família. Ele se manteve como líder respeitado até sua morte em 2000.

Hoje, os kaiabi do PIX, mesmo os que nem sequer conheceram a região de origem, vivem entre a vontade de permanecer no Parque e o saudosismo de sua área tradicional. Se, por um lado, sentem falta de tudo que há por lá e que não têm no Xingu (taquarinha para as peneiras, castanha do Brasil para a culinária, barro para a cerâmica, cachoeiras, dentre outras coisas), por outro, sabem que é no PIX onde vivem sem grandes conflitos e é neste lugar que conseguiram manter sua cultura e a própria língua. É bastante comum ouvir os kaiabi do Xingu se referindo à perda da língua, dos conhecimentos tradicionais e à introdução de alimentos dos “brancos” quando mencionam os kaiabi do Tatuy e do Telles Pires, numa

explícita referência ao enfraquecimento da cultura tradicional desta parte do grupo. Meliá (1993) já chamava a atenção para o fato de que, dentre os 102 kaiabi do Tatuy, 78 falavam o português e, destes, a maior parte era de mulheres (42 mulheres contra 36 homens). O autor sugere que este fato pode ser atribuído a três fatores principais: i) a permanência de um grupo de crianças na escola da Missão de Utiariti, na década de 60; ii) a presença de missionários e colaboradores da Missão – que só se utilizavam do português em sua comunicação com os kaiabi; iii) a residência de alguns kaiabi, por um tempo relativamente prolongado em ambientes de língua portuguesa. E ressalta que “*os mesmos caiabis do Rio dos Peixes estão conscientes de que o uso da língua indígena no grupo xinguano goza de mais força e extensão, fato que apreciam positivamente*” (Meliá, 1993, pp. 489).

É junto a este grupo xinguano que se fez a pesquisa, resultando no presente trabalho. Os kaiabi do PIX, que em 1966 eram 179, hoje somam 747 indivíduos (ISA, 2000) e habitam a região do baixo Xingu, espalhados por 11 aldeias ao longo dos rios Arraias e Xingu (ver pp. 16).

O PIX abriga 14 etnias e grande parte delas ocupam tradicionalmente suas terras. As festas – de modo particular o Kuarup -, a cultura material, pintura corporal marcam fortemente os povos do Alto Xingu, trazendo-lhes grande repercussão nacional e internacional. Os kaiabi, com relação a estes aspectos, estão em desvantagem: resta-lhes apenas uma festa, o Jowosi, festa de comemoração de guerra, em que os kaiabi dançavam com as cabeças dos inimigos, mas que hoje raramente é feita; não têm atualmente nenhum padrão particular de pintura corporal e pouca utilização fazem disto, visto que usam roupas; a cultura material, sobretudo os trançados – peneiras, cestos, bordunas – ainda se mantêm, embora esteja comprometida devido à escassez do *uru'yp* (taquarinha utilizada para o trançado) no PIX. Assim, o uso da

língua kaiabi desempenha um forte papel, dando-lhes identidade e diferenciando-os dos demais povos do Parque.

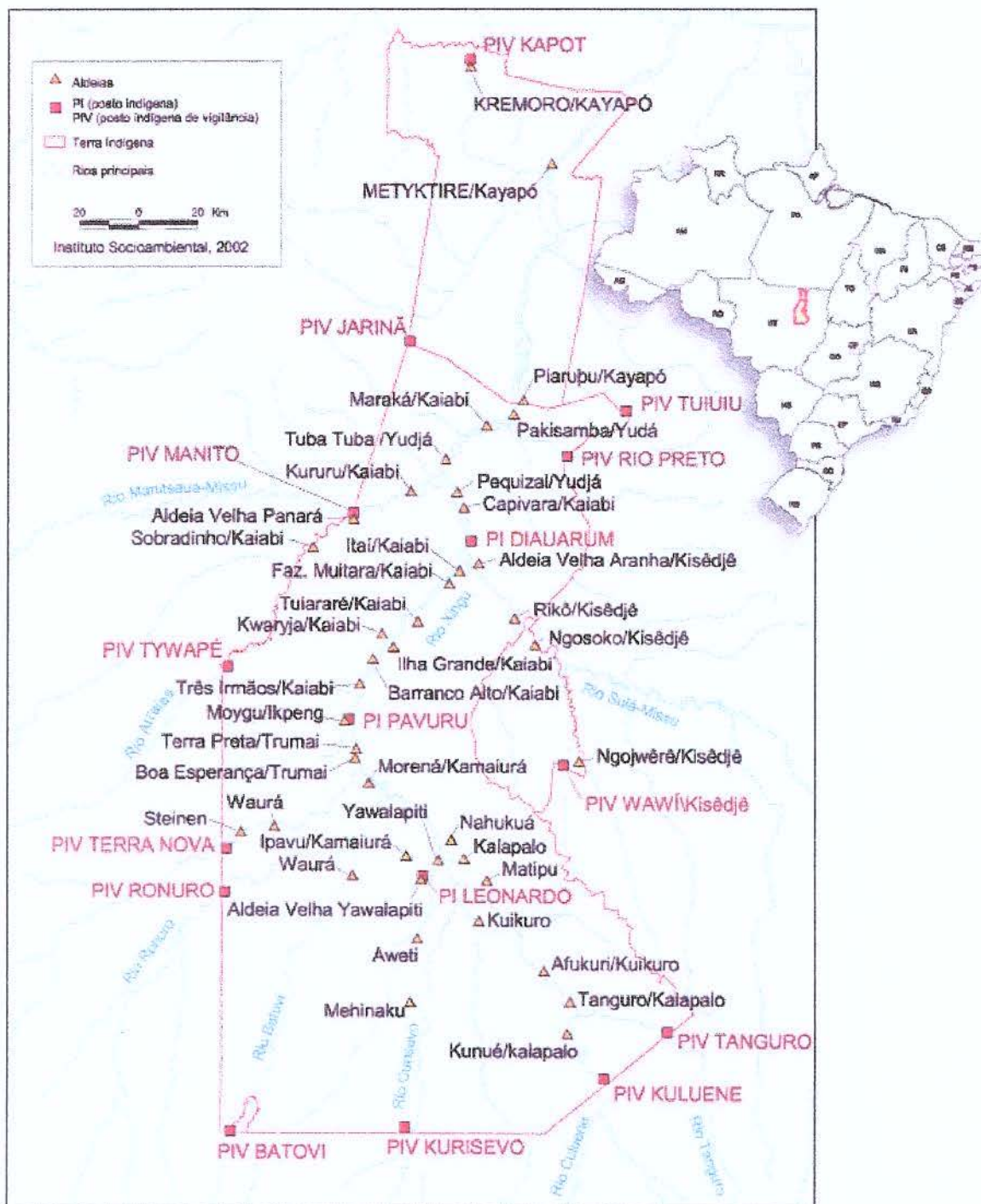


Figura 2 - Parque Indígena do Xingu - mapa do site do Instituto Socioambiental

É, talvez, o povo de maior organização política do PIX, descendo-se em posições administrativas, seja na chefia do Posto Diauarum, seja na Associação Terra Indígena do Xingu – ATIX, tanto na presidência quanto na diretoria.

Um kaiabi troca de nome várias vezes ao longo da sua vida, fato que coincide com passagens marcantes de sua vida (entrada na vida adulta, nascimento do primeiro filho, por exemplo). Antigamente, a participação em guerras, principalmente a morte do inimigo, era o principal motivo de mudança de nome. Nestas ocasiões, no retorno à aldeia, a pessoa era tatuada e ganhava o novo nome – o nome da tatuagem. Estes nomes eram bastante descritivos: eles estavam relacionados à forma do desenho, ao lugar no corpo onde eram feitos, ao tamanho². Existiam alguns padrões básicos faciais masculinos e um único feminino. A tatuagem feminina era feita na menina quando criança, segundo relato de Kupei'i, Aldeia Sobradinho. As tatuagens serviam para identificação pessoal e grupal. De acordo com os relatos dos mais velhos, os kaiabi “pegaram” a tatuagem dos Apiaká, parentes muito próximos dos kaiabi, mas também grandes inimigos:

“(...) [os Kaiabi] mataram um Apiaká que tinha tatuagem. Então eles aprenderam a tatuagem deles; eles fizeram a tatuagem. Os Kaiabi deram vários nomes para a tatuagem. Foi assim que eles aprenderam; a tatuagem não é da gente, é do Apiaká.” (texto da pesquisa sobre a tatuagem – Jemy Kaiabi, 1997)

“Foi assim: nosso povo antigo brigava com o povo Apiaká, mas não devia, porque esse pessoal era nosso parente, nosso pessoal. (...)”

Apiaká fala igual à gente. Eu mesmo ouvi a fala deles.” (História da briga dos Kaiabi com Apiaká narrada por Aukusing Kaiabi, 1997)

² As tatuagens kaiabi foram descritas Schmidt (1942), com apoio de ilustrações, mas apenas as tatuagens faciais. Há, também, o resultado de uma pesquisa do professor Jemy Kaiabi, à qual prestei assessoria, que traz 77 tatuagens (faciais e corporais), recuperadas através dos relatos dos mais velhos e testadas em várias aldeias. Essa pesquisa se encontra no Instituto Socioambiental e será parte integrante do livro de leitura *Yrū Okote'em* (pronto para publicação).

Atualmente, há ainda alguns velhos tatuados e apenas um rapaz e quatro moças tatuados, estes últimos com desenhos faciais, feitos por Ywyt Kaiabi, numa tentativa de não se deixar perder este aspecto da cultura.

1.2. A Língua Kaiabi

A língua kaiabi é falada somente no Brasil e é classificada como pertencente ao tronco Tupi, família Tupi-Guarani (Rodrigues, 1986). É utilizada por todo o grupo que vive hoje no PIX e segundo informações deste, por alguns indivíduos que ainda permanecem no Tatuy e no Baixo Telles Pires. Em contato com algumas pessoas dessas regiões que estavam em visita ao Parque, pude observar que entre elas o português era preferido como língua de convívio social.

Os kaiabi do PIX são predominantemente bilíngües, principalmente os homens que entendem e falam o português e o kaiabi. Com relação às mulheres, grande parte entende e fala o kaiabi, mas não fala o português - somente entende esta língua. Tomei conhecimento de apenas uma jovem kaiabi que não fala a língua do grupo (falante somente do português), mas veio da região do Telles Pires para o PIX já adulta, pois havia se casado com um kaiabi da aldeia Kururu. As crianças são predominantemente monolíngües em kaiabi, tanto quanto menores forem, de acordo com o que se pôde observar nas visitas às aldeias.

Como foi mencionado anteriormente, os kaiabi do Tatuy chegaram ao PIX na década de 60 e grande parte destes estão localizados na aldeia Capivara. Talvez a origem deste grupo explique a diferença da variação do kaiabi falada nesta aldeia, que é bastante estigmatizada

pelos moradores das outras aldeias. É perceptível nesta variação uma nasalização acentuada, inclusive em palavras que não têm vogais ou consoantes nasais. Seria interessante uma investigação maior destas diferenças, visto que na pesquisa ora apresentada não foi possível aprofundar este aspecto.

Um aspecto interessante desta língua é a resistência a empréstimos do português, assim como ocorre com a língua kamaiurá. Embora haja um contato relativamente longo com a sociedade nacional e com tudo que a cerca (objetos, terminologia etc) – e que hoje fazem parte do cotidiano kaiabi – há uma forte tendência de se traduzir estas novas palavras/conceitos através da utilização de um neologismo ou da utilização de uma palavra já existente na língua, com uma nova significação. Não se pretende discutir aqui se o termo resultante de neologismo ou deslocamento lexical é adequado, se corresponde ao conceito ou não³; o importante, neste caso, é verificar que este é um mecanismo produtivo da língua. Seki (2000, pp. 403-405) chama a atenção para a tendência semelhante na língua kamaiurá.

1.3. Materiais sobre a língua

O primeiro material sobre a língua kaiabi foi uma lista de palavras coletada por Max Schmidt (*apud* Meliá, 1993, pp. 488), que permitiu a identificação da língua como pertencente ao grupo Tupi. Há, também, uma lista de palavras coletada pelos irmãos Villas Bôas (1989) sobre “o falar kayabí” – plantas cultivadas nas roças, artesanato, utensílios caseiros, pratos

³ Por exemplo, “rádio” é *maraka je'eng* – o que fala música. “Bolacha, biscoito” é *mani'oko'oi'i*, beiju pequeno. Na disciplina de ciências, a palavra utilizada para “verme” é *iwo'i*, a mesma que é usada para minhoca. “Prostituta” entrou para a língua como *kujã menare'em* (mulher sem marido).

kaiabi (comida), nomes de tatuagem, parentesco, animais, aves, frutos, partes do corpo humano etc -, mas não há nenhum rigor científico no registro das palavras. A partir da década de 60, Rose M. Dobson e Helga Weiss, duas missionárias do SIL, investigaram mais sistematicamente a língua e publicaram alguns artigos, uma gramática pedagógica, cartilhas.

Rose Dobson apresentou em *Aspectos da Língua Kaiabi* (1988) estudos sobre a morfofonêmica kaiabi, os padrões oracionais kaiabi, locativos e partículas de movimento e questões acerca do discurso narrativo (funções das formas verbais narrativas, declarativas e de enfoque; uso de conectivos referenciais). Há, ainda, dois artigos na *Série Lingüística* (1973 e 1976): “Notas sobre os substantivos” e “Repetição em Kaiabi”. Em 1997, a autora divulgou, ainda em versão preliminar, a “Gramática prática com exercícios da língua kayabi”, cujo objetivo é “explicar, em termos não técnicos, algumas partes da gramática da língua kayabi (...) para quem quer aprender a falar a língua”. Finalmente, há um arquivo de textos indígenas (1991), ao qual, infelizmente, não tive acesso.

Há um artigo de Helga Weiss sobre a terminologia de parentesco kaiabi (1985), e sua tese de doutorado *Para um dicionário da língua kayabi* (1998), apresentada na USP. Juntas, Dobson e Weiss fizeram um estudo sobre a fonêmica kaiabi, cópia disponível como *paper* no CEDAE.

Além desses materiais, há cartilhas em kaiabi feitas pelo SIL em 1985, destinadas à alfabetização e “visando os futuros programas de alfabetização bilingüe”, de acordo com a nota apresentada no referido material. Em 1988, foi feita também pelo SIL a *Cartilha Experimental de Transição do Português para o Kayabi para Crianças*, evidenciando que neste período as crianças kaiabi eram alfabetizadas em português. Os professores kaiabi do PIX se mostraram resistentes em utilizar tais materiais na escola e não só decidiram utilizar

outra convenção de escrita – diferente da proposta por Rose Dobson e Helga Weiss – como também optaram por produzir os próprios materiais a serem utilizados nas escolas⁴ do PIX. Assim, foi produzido o livro de alfabetização *Jane jemu'jawa ypyrungawa jane je'enga* (publicado em 1999) e o livro de leitura *Yrũ Okote'em* (pronto para publicação).

Comparativamente com outras línguas indígenas, a literatura sobre a língua kaiabi é relativamente extensa. No entanto, alguns aspectos são tratados bastante superficialmente, como é o caso dos demonstrativos. Permanecendo ainda no nível da sentença, tentaremos aprofundar um pouco mais esse sistema da língua.

1.4. Os dados

O meu envolvimento com os kaiabi se deu através do Projeto de Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu, coordenado pelo Instituto Socioambiental, ministrando a disciplina Língua Indígena, a partir de 1996. Para tanto, foi necessário conhecer um pouco da língua e isto levou ao desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada. Essa pesquisa está inserida no Projeto História e conhecimento lingüístico dos povos indígenas do Parque Indígena do Xingu, coordenado pela Prof^a Dr^a Lucy Seki (Seki, 1991).

Houve dois momentos principais de coleta de dados: em 1997, com Sirawan Kaiabi (aldeia Guarujá), quando estive em Campinas pelo período de 15 dias, e em 1999, com Jemy

⁴Os professores kaiabi, juntamente com a comunidade alfabetizada, decidiram por materiais escritos somente em kaiabi, sem apresentar a tradução em português, como acontece nos materiais do SIL, pois, de acordo com eles, a tradução não fica adequada ao que está escrito em kaiabi.

Kaiabi (aldeia Capivara), durante o período em que esteve também em Campinas para terminar sua pesquisa sobre tatuagem (por 15 dias também). Houve, ainda, alguns momentos de coleta/confirmação de dados durante os períodos de acompanhamento escolar em setembro de 1998, abril de 1999 e julho de 2000, nas aldeias Capivara, Maraka, Tujarare e Posto Diauarum.

Infelizmente, não foi possível trabalhar com informante do sexo feminino. Os dados em que consta fala de mulher foram apresentados pelos informantes do sexo masculino. Além dos elicitados, serão utilizados dados de Rose Dobson e Helga Weiss apresentados nos artigos sobre a língua kaiabi, que estarão marcados com (R.D.) e (H.W.), respectivamente.

Os kaiabi, de modo particular os professores – o primeiro grupo com o qual tive contato – mostraram-se bastante resistentes ao ensino da língua. Embora quisessem que eu soubesse a língua, demonstravam pouca disposição para ensiná-la. Esse panorama mudou quando perceberam meu envolvimento com o trabalho de educação escolar e o retorno que isto estava dando a eles.

Foi utilizada a metodologia de trabalho de campo proposta em Craig (1990), Kibrik (1977) e Seki, em seu trabalho com línguas indígenas do Parque Xingu.

II

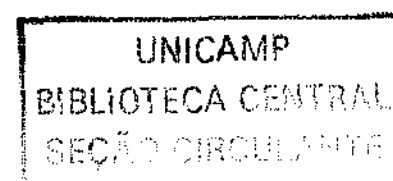
II. ASPECTOS GERAIS DA LÍNGUA KAIABI

Os aspectos apresentados neste capítulo têm por base os trabalhos de Rose Dobson (1973, 1988, 1997), Helga Weiss (1961) e Weiss & Dobson (s.d.), portanto, a terminologia adotada é a utilizada pelas autoras. Embora os aspectos apresentados nesse capítulo não tenham sido o foco principal da pesquisa ora apresentada, foi possível observar alguns pontos que serão apresentados após os quadros de fonemas. Com relação aos símbolos da transcrição, como as autoras supracitadas usam diferentes símbolos em seus artigos, optou-se por utilizar aqui os símbolos do IPA.

2.1. Fonemas em Kaiabi

Há um estudo sem publicação sobre a fonêmica da língua Kaiabi feita por Helga Weiss e Ruth Dobson⁵ (s.d.). Embora a investigação dos fonemas não tenha sido o ponto principal deste trabalho, os resultados dessa pesquisa estão de acordo com a análise das autoras,

⁵ Manuscrito à disposição no CEDAE.



havendo alguma discordância com relação à ocorrência de alguns fones, como se pode ver abaixo.

2.1.1 Consoantes

	Bilabial	Lábio-dental	Alveolar	Palatal	Velar	Lábio-velar	Glotal
Oclusiva	p		t		k g	k ^w	ʔ
Fricativa		f	s				
Aproximante	w			j			
Nasal	m		n		ŋ		
Tap			ɾ				

As oclusivas surdas ocorrerem como não realizadas quando em final de palavras, antes de consoante⁶ ou silêncio.

Weiss & Dobson consideram que os fones [f] e [ɸ] estão em distribuição complementar – a primeira na fala de falantes bilingües e a segunda na fala de outros falantes, porém, no PIX, esses fones ocorrem em variação livre, com maior tendência de realização da lábio-dental. Por isso, como fonema, consideraremos somente /f/.

As autoras acima citadas registram a ocorrência de africadas - [ts] e [dj] –, mas não foi encontrado nenhum exemplo de palavras com estes fones.

Em início de sílaba, a aproximante bilabial pode ocorrer com ligeira fricção ou como semiconsoante, indicando uma variação livre entre os dois fones nessa posição. Em final de sílaba, a aproximante bilabial ocorre apenas como semiconsoante.

2.1.2. Vogais

	Anterior		Central		Posterior	
	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral
Altas	ĩ	i	ɨ	ɨ	ũ	u
Baixas	ẽ	e	ã	a	õ	o

Com relação às vogais orais baixas, podem ocorrer as anteriores fechadas em variação com as abertas, mas com relação às posteriores, ocorrem somente as abertas. Para facilitar o registro, optou-se por utilizar o símbolo *o* para esta vogal.

2.2. Tipos de sílabas

A língua Kaiabi apresenta os seguintes tipos de sílaba:

⁶ Neste contexto, há tendência de apagamento da consoante final, como se pode ver, mais à frente, no item

2.2.1. .CV.

Em posição inicial, podem ocorrer todos os fonemas consonantais apresentados anteriormente:

- | | |
|---------------|--------------|
| (1) ka.ru.pam | ‘veado’ |
| (2) ka.na.wa | ‘banco’ |
| (3) kap | ‘marimbondo’ |

2.2.2. .CVC.

Em posição final de sílaba, podem ocorrer as oclusivas bilabiais, alveolares e velares surdas, nasais e as aproximantes, antes de silêncio.

- | | |
|------------------|----------------|
| (4) jo.wo.si.pɛp | ‘tracajá’ |
| (5) mo.ʔɪt | ‘colar’ |
| (6) i.pɛk | ‘pato’ |
| (7) mu.kũj | ‘um’ (numeral) |

2.2.3 .V.

- | | |
|--------------|-----------|
| (8) ɨ.ru.pɛm | ‘peneira’ |
| (9) ɨ.a | ‘saúva’ |
| (10) ã.na.ɨ | ‘preto’ |

2.2.4. VC.

(11) e.it 'abelha'

(12) mi.a.pa.ap 'botina'

2.2.5. ?CV

As autoras consideram dois tipos de sílaba iniciada por glotal, resultante de metátese⁷

(?CV e ?CVC).

(13) ka.ru.pam + ?i → ka.ru.pa.ʔmĩ 'veadinho' (R.D.)
 veado dim veadinho

No entanto, há palavras na língua que apresentam esta estrutura silábica sem ser resultado de metátese, como é o caso do pronome de 3ª pessoa do singular masculino (na fala de homem):

(14) ?ŋa 'ele' (homem falando)

2.3. A Morfofonêmica Kaiabi

Em kaiabi as mudanças morfofonêmicas ocorrem com bastante frequência entre as fronteiras de morfemas, como ocorre na maioria das línguas tupi. De acordo com Rose

⁷ Para maior detalhamento dessa regra, ver em 2.3.3, na seção sobre a morfofonêmica kaiabi.

Dobson (1988, pp. 129-138), as regras morfofonêmicas desta língua enquadram-se nas seguintes categorias gerais⁸:

2.3.1. Regras de Enfraquecimento Consonantal⁹

As oclusivas em posição final de morfema tende a ser enfraquecida quando seguida de um morfema iniciado por vogal¹⁰. É uma regra de aplicação geral na língua.

$$\left\{ \begin{array}{c} p \\ t \\ k \end{array} \right\} \longrightarrow \left\{ \begin{array}{c} w \\ r \\ g \end{array} \right\} / -v$$

(15) /mutap/ + /a/ → /mutawa/
 pirão de peixe mn pirão de peixe

(16) /moʔit/ + /ete/ → /moʔirete/
 colar verdadeiro colar verdadeiro

(17) /ipek/ + /- a/ → /ipega/
 pato mn pato

Há, também, enfraquecimento de consoantes em posição inicial de morfema, mas esta não é uma regra de aplicação geral na língua¹¹.

⁸ Está sendo utilizada a terminologia tal qual a autora apresenta no artigo *Morfofonêmica Kaiabi*.

⁹ Este processo é mais comumente conhecido na literatura como lenição.

¹⁰ Há exceção no processo de lenição da oclusiva bilabial e velar surdas: os verbos terminados por essas consoantes, quando estão na forma narrativa, mantêm a mesma consoante (*kutuk* 'furar' + *a* 'tn' → *kutuka* 'furar') (Dobson, 1997, pp. 90)

¹¹ Dobson não salienta que, enquanto a regra geral de enfraquecimento de consoantes em posição final se aplica sempre, a regra de enfraquecimento de consoantes em posição inicial pode ou não ser aplicada, conforme foi possível verificar na pesquisa ora apresentada. Por exemplo, os falantes aceitam as duas formas dadas em (17).

/p/, /ɸ/, /m/ → /w/

/n/, /t/ → /r/

/k/ → /ŋ/

(18) /minãmũ/ → /winãmũ/

aquele, aquilo aquele, aquilo

(19) /iwĩ/ + /-nupã/ → /-iwĩrupã/ (R.D.)

chão bater bater no chão

(20) /-sĩ/ + /-mukup/ → /-sĩwukup/ (R.D.)

ponta esquentar esquentar a ponta

2.3.2. Regras de Eliminação

A consoante final de um morfema tende a ser eliminada quando ocorre uma consoante em posição inicial de morfema logo a seguir. Nessa pesquisa, foi possível observar que na fala corrente, sempre há a eliminação da consoante final. Na elicitacão de dados, quando o falante diminui a velocidade de fala, a consoante final pode ocorrer em alguns casos.

$C_1 + C_2 \rightarrow C_2$

(21) /moʔit/ + /pĩtarŋ/ → /moʔi pĩtarŋ/ (R.D.)

colar marrom colar marrom

(22) /tapiʔit/ + /kuimaʔe/ → /tapiʔi kuimaʔe/

anta homem anta macho

Em construções gramaticais *oração dependente + conjunção*¹², a consoante inicial é que é eliminada, aplicando-se a seguinte regra:

$$C_1 + C_2 \rightarrow C_1$$

$$(23) /ʔŋa kutuk/ + /ramũ/ \rightarrow /ʔŋa kutugamũ/ \text{ (R.D.)}$$

3smH furar quando quando ele furou

Nesse exemplo, temos primeiramente a aplicação da regra de eliminação e, em seguida, é aplicada a regra de enfraquecimento:

$$1. /ʔŋa kutuk/ + /ramũ/ \rightarrow /ʔŋa kutuk amũ/$$

$$2. /ʔŋa kutuk/ + /øamũ/ \rightarrow /ʔŋa kutugamũ/$$

Quando um morfema terminado por vogal ocorre seguido de determinadas conjunções e posições iniciadas por /i/, este cai, aplicando-se a regra:

$$V_1 + i \rightarrow V_1$$

$$(24) /ko/ + /ipe/ \rightarrow /kope/ \text{ (R.D.)}$$

roça para para a roça

2.3.3. Regra de Metátese

Nos casos em que um morfema terminado em consoante é seguido de morfema iniciado por glotal + vogal, a consoante final e a glotal sofrem metátese.

$$(25) /ʔuʔip/^{13} + /- ʔiʔi/ \rightarrow /ʔuʔiʔwiʔi/ \text{ (R.D.)}$$

flecha diminutivo flecha pequena

¹²O morfema *ramũ* pode acompanhar diferentes classes de palavras e, em todos os casos, esta regra se aplica, conforme foi possível verificar nesta pesquisa.

(26) /pit/ + /ʔok/ → /piʔrok/ (R.D.)
 couro tirar tirar o couro

Nos dois exemplos acima, ocorrem dois processos: primeiro a metátese, depois o enfraquecimento.

1. /ʔuʔip/ + /- ʔiʔi/ → /ʔuʔiʔpiʔi/

2. /ʔuʔiʔpiʔi/ → /ʔuʔiʔwiʔi/

2.3.4. Regras de Nasalização

Em ambiente nasal, as consoantes e vogais orais de uma determinada classe morfológica de radicais verbais, afixos, relacionadores e conjunções, tornam-se nasais.

$$\left\{ \begin{array}{c} C \\ V \end{array} \right\} \longrightarrow \left\{ \begin{array}{c} N \\ \tilde{v} \end{array} \right\} / \left\{ \begin{array}{c} \tilde{v} \\ N \end{array} \right\}$$

(27) /karupam/ + /ʔi/ → /karupaʔmĩ/ (R.D.)
 veado dim veadinho

(28) /panakũ/ + /uu/ → /panakũũũ/ (R.D.)
 cesto para costas aum cesto grande

(29) /sobradĩ/ + /ipe/ → /sobradĩme/
 Sobradinho (aldeia) para para a aldeia Sobradinho

No exemplo (27), antes da regra de nasalização é aplicada a metátese; já em (29), a primeira regra aplicada é a de eliminação e depois a de nasalização:

A)1. /karupam/ + /ʔi/ → /karupaʔmĩ/

¹³ Na coleta de dados, a palavra para *flecha* encontrada não ocorre com a glotal inicial. Nos materiais didáticos, ela também é escrita sem a glotal inicial. Finalmente, Dobson (1997) a grafia também sem essa consoante.

2. /karupaʔmi/ → /karupaʔmĩ/

B) 1. /sobradĩ/ + /ipe/ → /sobradĩpe/

2. /sobradĩpe/ → /sobradĩme/

É interessante ver em (19) que, no caso de V + N, a consoante perde o traço nasal.

2.3.5. Regras de Dissimilação

Na língua kaiabi, há tendência de dissimilação das vogais baixas anteriores e posteriores em relação a outras vogais que ocorrem na palavra. A dissimilação se dá em dois contextos:

i) Quando um morfema terminado por vogal anterior baixa ou uma posterior baixa recebe um sufixo iniciado por uma vogal central baixa, há uma tendência da vogal do radical se tornar mais alta.

i	ĩ	u
↑		↑
e	a	o

(30) /wewe/ + /-aw/ → /-wewiaw/ (R.D)
 voar tu voar

ii) Quando um morfema iniciado por uma vogal posterior alta ou uma semivogal velar ou oclusiva verbal labializada é prefixado por um morfema terminado por vogal posterior baixa, esta tende a se tornar central.

i	ɨ	u
e	a ←	o

(31) /o-/ + /-ʔu/ → /aʔu/ (R.D.)
 3 comer ele come

2.3.6. Regra de Assimilação

Quando um morfema terminado por vogal central baixa é prefixado a um radical que contém uma vogal posterior baixa, há tendência de assimilação da vogal do prefixo à vogal do radical.

i	ɨ	u
e	a →	o

(32) /a-/ + /-o/ → /oo/ (R.D.)
 ls ir eu vou

2.3.7. Regra de Tonicidade

A sílaba tônica em kaiabi (registrada em negrito) recai na sílaba final da palavra gramatical. Quando há formação de palavra por fixação ou composição, ocorre a ressilabificação a sílaba tônica passa a ser a última da nova palavra.

(33) /e.it/ + /i/ → /e.i.ri/

mel líquido suco de mel

(34) /ʔok/ + /ipe/ → /ʔo.gi.pe/

casa loc para casa

2.3.8. Regra de Reestruturação Silábica

Quando um morfema terminado por consoante (sílabas fechadas) ocorre em posição final de palavra, mas não de enunciado, e o morfema que o segue é iniciado por vogal, há uma mudança na divisão silábica, depois que outras regras morfofonêmicas são aplicadas.

(34) /k^wat/ + /i.pe/ → /k^wa.ri.pe/

sol loc na estação da seca

(35) /ma.ka.jup/ + /i/ → /ma.ka.ju.wi/

macaúba líquido mingau de macaúba

2.3.9. Ordenação de Regras

No artigo relativo à morfofonêmica kaiabi (Dobson, 1988), não é apresentada a ordenação das regras. No entanto, com base nos exemplos (15) a (35) e de acordo com os processos demonstrados, é possível ordenar a aplicação das regras da seguinte forma:

1. A metátese ocorre antes dos processos de enfraquecimento e de nasalização;

Exemplos 26 e 24:

- A) 1. /karupam/ + /ʔi/ → /karupaʔmi/ (metátese)
 2. /karupaʔmi/ → /karupaʔmĩ/ (nasalização)
- B) 1. /ʔuʔip/ + /- ʔiʔi/ → /ʔuʔiʔpiʔi/ (metátese)
 2. /ʔuʔiʔpiʔi/ → /ʔuʔiʔwiʔi/ (enfraquecimento)

2. A eliminação ocorre antes dos processos de nasalização e de enfraquecimento;

Exemplos 29 e 23:

- A) 1. /sobradĩ/ + /ipe/ → /sobradĩpe/ (eliminação)
 2. /sobradĩpe/ → /sobradĩme/ (nasalização)
- B) 1. /ʔŋa kutuk/ + /ramũ/ → /ʔŋa kutuk amũ/ (eliminação)
 2. /ʔŋa kutuk/ + /øamũ/ → /ʔŋa kutugamũ/ (enfraquecimento)

É preciso salientar que esta ordenação de regras não é válida para a regra de eliminação, se a consoante eliminada for uma nasal. Neste caso, a regra de nasalização antecede a de eliminação, pois a vogal que antecede a consoante nasal torna-se também nasal.

$$C_1 + C_2 \rightarrow C_2$$

$$\{VN\} + \{C\} \rightarrow \{\tilde{v}C\}$$

$$(36) /a\text{-powan}/ + /je/ \rightarrow /apowã je/ \text{ (R.D.)}^{14}$$

1s-fiar 1s 'eu o fio'

¹⁴ Estamos utilizando aqui o símbolo *o* para a vogal posterior aberta, conforme foi explicado em 2.1.2 (Rose Dobson utiliza a forma /apowã je/ no exemplo utilizado.)

3. A reestruturação silábica ocorre depois da metátese e da eliminação e antes da nasalização e do enfraquecimento;

Exemplos 27 e 23:

A) 1. /ka.ru.pam/ + /ʔi/ → /karupaʔmi/ (metátese)

2. /ka.ru.pa.ʔmi/ (reestruturação silábica)

3. /ka.ru.pa.ʔmi/ → /ka.ru.pa.ʔmĩ/ (nasalização)

B) 1. /ʔŋa ku.tuk/ + /ra.mũ/ → /ʔŋa kutuk amũ/ (eliminação)

2. /ʔŋa ku.tu.ka.mũ/ (reestruturação silábica)

3. /ʔŋa kutukamũ/ → /ʔŋa kutugamũ/ (enfraquecimento)

4. A última regra a ser aplicada é a da tonicidade.

2.4. Tipo lingüístico

A língua kaiabi apresenta marcação morfológica dos nominais na oração, como ocorre em outras línguas do tronco Tupi, como o Kamaiurá (Seki, 2000). Também, assim como outras línguas do tronco Tupi, principalmente aquelas pertencentes à família Tupi-Guarani, encontramos entre o prefixo de posse e o radical possuído uma classe de prefixos relacionais.

A ordem básica da língua kaiabi é OSV, para S(substantivo) e O(substantivo) sendo possível a ordem SOV em construções topicalizadas. De acordo com Dobson (1997), há as seguintes ordens de constituintes:

O(substantivo) e S(pronome) → OSV

(37) miar-a je a-juk-a 'matei uma onça' (R.D.)
 onça-mn. 1s 1s-matar-tn

S(substantivo) e O(pronome) → SOV

(38) je-i ẽẽ ʔŋa mo-jemiʔwat ‘minha mãe deu comida a ele’ (R.D.)
 minha mãe 3sfH 3smH caus-comer

S(pronome) e O(pronome) → V(forma presa suj) S (forma livre) O

(39) a-nupã je ʔŋa ‘eu bati nele’ (R.D.)
 1s-bater 1s 3smH

Essa é uma língua posposicional:

(40) ojeʔeŋaɪ ʔŋa upe ‘ele está discutindo com ele (outro)’
 3s-falar-intens 3smH posp

As partículas interrogativas ocorrem em posição inicial da oração:

(41) maʔja te ene rera ‘qual é o seu nome?’
 o quê inter 2s poss nome

III

III. ASPECTOS DÊITICOS

A noção de dêixis é explicitada por Lyons (1979, pp. 290) como:

“Todo enunciado lingüístico se realiza num lugar particular e num tempo particular: ocorre numa situação espacio-temporal.(...) A noção de dêixis – que é simplesmente a palavra grega que exprime a ação de ‘apontar’ ou ‘indicar’, e veio a ser um termo técnico da teoria gramatical – foi introduzida para indicar os traços ‘orientacionais’ da língua que se relacionam com o tempo e o lugar do enunciado. Os chamados pronomes pessoais – eu, tu (você), ele, etc – constituem apenas uma classe dos elementos da língua cujo significado se determina pela referência às ‘coordenadas dêíticas’ da situação típica do enunciado”

Segundo Anderson e Keenan (1985, pp. 260-301), os principais tipos de informações que podem ser expressas através da dêixis na linguagem são: pessoa, localização espacial e referência de tempo. Estes três grandes grupos podem ser subdivididos em:

1. Dêixis de pessoa: pessoas do discurso e pronomes demonstrativos; pessoa e número, gênero; status social e tipo de relacionamento dos participantes.
2. Dêixis espacial: localização espacial relativa ao momento da enunciação; sistemas mínimos de dêiticos espaciais.
3. Dêixis temporal: demonstrativos temporais; categoria de modo; dêixis temporal no léxico.

4. Dêixis relativizada: relativização da dêixis no discurso indireto; relativização da dêixis espacial e temporal.

Em kaiabi, as categorias dêíticas dos três primeiros subgrupos estão interrelacionadas. O mesmo pronome demonstrativo pode ser um advérbio temporal ou espacial¹⁵, dependendo do contexto em que é utilizado. Nos exemplos abaixo, pode-se observar a ocorrência de *este e aqui*:

(42) - maran te ere futat 'de qual [colar] você gostou? (qual você quer?)'
 qual inter 2s gostar

- ʔap 'este'
 dem

(43) ʔaw-a kanawa 'este banco'
 dem-mn banco

(44) ʔaw-amũ je wirer-a 'aqui era meu lugar'
 dem-sufixo 1s lugar-mn

Nos exemplos 42 e 43, ocorrem as mudanças morfofonêmicas:

ʔap + a → ʔawa
 este, aqui + mn

ʔap + amũ → ʔawamũ
 este, aqui + sufixo

Neste capítulo, serão apresentados alguns aspectos dêíticos pessoais e demonstrativos, limitados ao nível da sentença.

¹⁵ Em português, isto pode ocorrer, mas não é comum. No Amapá, ouve-se a pergunta: *Que horas tem aqui?* por *Que horas são agora?*

3.1. Dêixis Pessoal

Os pronomes pessoais em kaiabi podem ocorrer na forma livre e na forma presa. Segundo Dobson (1988), há diferentes pronomes marcadores subjetivos e objetivos para as diferentes formas verbais¹⁶. O quadro abaixo apresenta os pronomes livres objetivos de verbos transitivos¹⁷.

1ª ps	je	
2ª ps	ene	
3ª ps masculino	kĩã (MF)	ʔŋa (HF)
feminino	kinã (MF)	ẽẽ (HF)
1ª pp inclusivo	jane	
exclusivo	ore	
2ª pp	pẽ	
3ª pp	wã (MF)	ʔŋã (HF)

Os pronomes pessoais apresentam as seguintes distinções de pessoa e número: 1ª pessoa singular/plural (no plural, apresentam a distinção *inclusivo* e *exclusivo*), 2ª pessoa singular/plural. Os pronomes livres de 3ª pessoa do singular e do plural apresentam distinção de gênero, do falante e do referente.

Os pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoa apontam para as pessoas do discurso – o falante e o ouvinte, *quem fala* e *para quem se fala*, respectivamente. A terceira pessoa, *a pessoa de quem se fala*, é tratada como uma “não-pessoa”, o membro não marcado da correlação de pessoa (Benveniste, 1995, pp. 278-279) no ato da enunciação; é a referência

¹⁶ De acordo com Dobson, cada verbo em kaiabi pode ocorrer nas formas declarativa, narrativa ou de enfoque e a ocorrência dos pronomes está relacionada à forma em que está o verbo.

¹⁷ Não trataremos de outros tipos de pronomes pois nos interessa discutir as marcas de gênero presentes nesses marcadores objetivos.

zero fora da relação *eu/tu*. No entanto, em kaiabi, quando se faz referência à 3ª pessoa, *ele* necessariamente se aponta para o *eu*, o locutor, pois o gênero do locutor e do referente definem o pronome a ser utilizado. Assim, uma mulher falando utiliza pronomes de terceira pessoa diferentes dos utilizados por um homem.

3.1.1. A Terceira Pessoa do Singular

Sobre pronomes de 3ª pessoa na fala feminina e masculina, cuja existência foi verificada por Dobson (1973, pp. 36-37), essa autora diz que:

O emprego das formas de terceira pessoa é determinado por quem está falando e a quem se refere. Um falante masculino utiliza um conjunto de pronomes para indicar referentes de gênero masculino, feminino ou plural, enquanto um falante do sexo feminino utiliza um conjunto diferente.

Falante \ Referente	ele	ela	eles
Homem falando	ʔŋa	ēē	ʔŋã
Mulher falando	kĩã	kĩnã	wã

(45) u-ʔat kĩnã 'ela caiu' (mulher falando)
3-cair 3sfM

(46) i-roʔĩ ēē 'ela está com febre' (homem falando)
3-febre 3sfH

Como se pode ver no quadro anterior, o pronome de terceira pessoa reflete simultaneamente o gênero do falante e do referente. No que se refere à ocorrência desses pronomes, Dobson diz que os pronomes podem acompanhar nome ou substantivo. No entanto, nas narrativas, em que há participantes de diferentes gêneros envolvidos, o discurso direto reflete o locutor daquela oração, independentemente do gênero do narrador.

(47) aw-amũ ore oj Lucy ěě rog-ipe.
então 1pi ir 3sfH casa loc

- soo kinã rog-ipe jare-u?a jaw - e?i Cilene ěě Patricia ěě upe
ir 3sfM casa loc 1 pe comer convite dizer 3sfH 3sfH para

ko. a?eramũ ěě:
pass então 3sfH

- ene-aatawet te ene? – jaw Patricia jee ko.
2s quer ir interr 2s falar para mim pas

Tradução livre: (narrador masculino) ‘Nós estávamos indo para a casa da Lucy.

- Vamos jantar na casa da Lucy? – disse a Cilene para a Patrícia.

- Você quer ir? – a Patrícia falou para mim.’

Analisando o uso dos pronomes, é possível definir exatamente as vozes do diálogo no exemplo 47: o narrador é um homem e os participantes são mulheres (Lucy, Cilene e Patrícia).

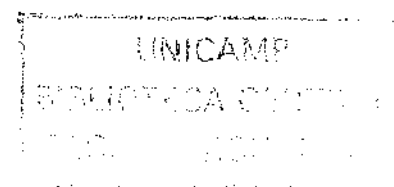
(48)“ejot ?ŋa resaka ?we” ?jaw kĩa eumera upe.”ejot ?ŋa
2s=imp-vir 3ms obj-ver-tñ voc dizer-tñ 3ms cadáver-mn para 2s=imp-vir 3ms

resaka ?we.” a?e pe jera?ira kĩa niapoi. a?eramũ kĩa oro?iramũ.
obj-ver-tñ voc aquele em 1s-filho-mn 3ms fraquinho conj 3ms 3-febre-tñ

“Venha vê-lo”, disse o marido, acerca do cadáver. “Venha vê-lo”. Nesta época meu filho estava passando mal. Estava com febre. (R.D.)

Nesse exemplo de Dobson (1988, pp. 93), embora os pronomes de terceira pessoa estejam marcados apenas por *3ms* (terceira pessoa masculino), indicando apenas o gênero do referente, é possível perceber as vozes do narrador (uma mulher – pronome utilizado: *kĩa*) e do personagem (marido – pronome utilizado: *?ŋa*) no discurso direto.

Quando o pronome de 3ª pessoa segue um nome (e, portanto, não ocorre como núcleo de sujeito ou objeto, como no exemplo 49), o substantivo pode ocorrer sem a marca nominal:



(49) jetig-a ãẽ o-mono kawĩ pipe ‘ela coloca batata-doce no mingau’
batata-doce=mn 3sfH 3s-colocar mingau dentro

(50) tapi?ir-a kĩa ka?a a-?u ‘a anta come folha’
anta-mn 3smM folha 3s-comer

(51) ajuru ?ŋa i?wa a-?u ‘o papagaio come fruta do mato’
papagaio 3smH fruta 3s-comer

(52) ju?i ?ŋa w-ipiwig-amũ a-w-au a-wu-a ?iri - piter ipe
sapo 3smH 3-afundar-tn 3-ir-tn 3-flutuar-tn água-meio em

‘o sapo, afundando, saiu e apareceu no meio do lago’ (R.D.)

A respeito dos pronomes que ocorrem acompanhando os substantivos, Dobson (1997, pp 82) diz que, “quando se fala de uma pessoa, normalmente se inclui o pronome junto com o nome ou substantivo” e que “o pronome também pode ser utilizado com animais para indicar o sexo deste” (como se pode ver nos exemplos 50 a 52). No entanto, a ocorrência destes pronomes parece ter uma função discursiva, apontando para o locutor, e não somente para “acompanhar” o nome, como pôde ser visto no exemplo 47. Essa mesma função parece ter o caso de pronome acompanhando nome de animal. Pode ocorrer a forma “neutra”, em que o locutor não é marcado, o que mostra que a ocorrência do pronome, nestes casos, não é obrigatória:

(53) tapi?ir-a ka?a a-?u ‘a anta come folha’
anta-mn folha 3s-comer

(54) tapi?i-kuima?e-a ka?a a-?u ‘a anta-macho come folha’
anta-macho-mn folha 3s-comer

(55) tapi?ir-a ?ŋa ka?a a-?u ‘a anta come folha’
anta-mn 3smH folha 3s-comer

Além de apontar para o locutor, a ocorrência dos pronomes acompanhando os substantivos pode estar relacionada com intenção de se enfatizar o termo da oração:

(56) – awijã maʔe te iar-a ‘de quem é a canoa?’
 Quem coisa inter canoa-mn

- je-ruw-a kiã maʔe ‘é do meu pai’ (R.D.)
 1s-pai-mn 3smM coisa

(57) kujã-mer-a wã kawĩ-a w-apo ‘a mulherada faz mingau’
 mulher-col-mn 3pM mingau-mn 3s-fazer

Assim, a tradução para o último exemplo mais adequada neste caso seria: *a mulherada, elas fazem mingau.*

Aqui é importante mencionar que não é comum pronomes com distinção de gênero nas línguas Tupi. Em Aweti, Borella (2000) relata a ocorrência prefixos de terceira pessoa não reflexiva que variam conforme o sexo do falante, mas não há qualquer relação com o sexo do referente. Esta variação estaria presente também nos demonstrativos e em alguns nomes de parentesco. Em Kamaiurá, Seki (2000, pp. 100-102) descreve as partículas de sexo (aquelas utilizadas por homem e aquelas utilizadas por mulheres) que ocorrem em posição final. Em nenhum caso, porém, o uso da partícula ou do pronome está condicionado tanto pelo gênero do falante quanto do referente, como ocorre em kaiabi.

3.1.2. Interlocução

No ato de “contar histórias”, mesmo que haja um grupo grande de ouvintes, o narrador kaiabi se remete a apenas um ouvinte. Para isso, ele utiliza partículas que indicam quem fala e para quem se fala (através delas, sabe-se o sexo do falante e do ouvinte). Além disso, estas partículas têm uma função fática; quando o contador de história as utiliza, o interlocutor – aquele para quem a história está sendo contada – responde.

Nos casos de conversa informal, quando a partícula é utilizada a interlocução é marcada, definida, mas não exige resposta do interlocutor.

(58) opa ʔŋa raʔe 'ele já acordou' (não atestado) – homem falando

(59) opa ẽẽ raʔe 'ela já acordou' (não atestado) – homem falando

(60) opa kɪnã raʔe 'ela já acordou' (não atestado) – mulher falando

(61) opa kiã raʔe 'ele já acordou' (não atestado) – mulher falando

(62) opa je ko 'eu já acordei'

(63) opa je ko kɪʔi 'eu já acordei' (mulher falando para homem)

(64) opa je ko kɪn 'eu já acordei' (mulher falando para mulher)

As partículas utilizadas são:

Ouvinte Falante	Homem	Mulher
Homem	kuĩ	ĩ
Mulher	kɪʔi	kɪn

Estas partículas ocorrem sempre em final de oração.

(65) ene-remiarũ te ene kɪã ree kɪn 'você gosta dele?' (mulher falando para mulher)
2s-gostar inter 2s 3smM posp intMM

(66) ene-remiarũ te ene kɪnã ree kɪʔi 'você gosta dela?' (mulher falando para homem)
2s-gostar inter 2s 3sfM posp intMM

(67) ene-remiarũ te ene ʔŋa ree ã 'você gosta dele?' (homem falando para mulher)
2s-gostar inter 2s 3smH posp intMM

(68) ene-remiarũ te ene ẽẽ ree kuĩ 'você gosta dela?' (homem falando para homem)
2s-gostar inter 2s 3sfH posp intMM

Nos textos apresentados em Dobson (1973, 1976, 1988), essas partículas são tratadas como *vocativos* e não há referência à questão do gênero do falante e ouvinte. No entanto, considerando os personagens dos textos e a utilização dessas partículas, a relação gênero do falante e do ouvinte apresentada no quadro acima se confirma.

3.2. Aspectos dêíticos espaciais

As referências espaciais podem ocorrer como advérbios locativos, adjetivos demonstrativos e pronomes demonstrativos¹⁸ (Anderson & Keenan, 1985). Algumas línguas podem indicar objetos através da referência à localização destes com relação à posição do falante no espaço. Outras, podem orientar para as pessoas do discurso (por exemplo, se um objeto está próximo do interlocutor, do falante ou distante de ambos – como ocorre em português).

No presente trabalho, serão tratados somente os demonstrativos¹⁹.

3.2.1. Verbos Posicionais

Em kaiabi, é comum a ocorrência de verbos posicionais que indicam a posição do sujeito e/ou objeto, como se pode ver nos exemplos abaixo:

¹⁸ Neste trabalho, os pronomes demonstrativos e os adjetivos demonstrativos estão incluídos dentro da classe de palavras dos *Demonstrativos*.

¹⁹ Para o conhecimento dos locativos e relações espaciais com movimento, ver artigo *Relacionadores integrantes de sintagmas do tipo eixo relacionador*, (Dobson, 1988, pp 65-82).

- (69) o-pa je ko kiʔi 'eu já acordei' (mulher falando para homem)
 1s-acordar 1s pas intMH
- (70) o-pa je te-jupa kiʔi 'eu já acordei' (mulher falando para homem)
 1s-acordar 1s 1s-V[hor] intMH
- (71) o-pa je te-ʔinā kin 'eu já acordei' (mulher falando para mulher)
 1s-acordar 1s 1s-V[n-est] intMH
- (72) o-pinaeti je te-ʔama 'eu pesco'
 1s-pescar 1s 1s-V[vert]

Assim como em kamaiurá (Seki, 2000, pp. 142), três posições podem ser identificadas em kaiabi através dos verbos posicionais: a estendida verticalmente (-ʔam), estendida horizontalmente (-jup) e a não estendida (-ʔi). Além destes, há o verbo -ko, que indica modo progressivo e inclui a idéia de movimento (Dobson, 1997, pp. 37). Estes verbos são irregulares (ver quadro abaixo) e co-ocorrem com os demonstrativos, como se pode ver em 3.2.2.

	- ko	- ʔi	- up	- ʔam
1s	tekow ~ tekaw	teʔinā	tejupa	teʔama
2s	ekow ~ ekaw	eʔina	ejupa	eʔama
3s	okow ~ akaw	ʔuina	ʔupa	uʔama
1pi	jarekow ~ jarekaw	jareʔina	jarejupa	jareʔama
1pe	orokow	oroʔina	orojupa	aruʔama
2p	pejekow	pejeʔina	pejejupa	pejeʔama
3p	okow ~ akaw	ʔuina	ʔupa	uʔama

3.2.2. Demonstrativos

Em Dobson (1988, pp.117) temos o seguinte exemplo:

A'e-ramũ Píreruu a-w-au ipira kutuk-a. Rea kynā men-a
 aquilo-em=conseqüência=de (nome) 3- ir- tn peixe furar- tn (nome) 3fs marido-mn

a-w-au ipira kutuk-a. ku'em. A'e-ramũ o-se-a. ipira kutug ire 'u-a
 3-ir-tn peixe furar- tn madrugada aquilo-depois 3-dormir-tn peixe furar depois 3=vir-tn

'up-a o-se-a.
 3=deitar-tn 3-dormir-tn

'Píreruu foi pescar com arpão. O marido de Rea foi pescar com arpão. Amanheceu. Então, ele adormeceu. Depois de perfurar o peixe, ele voltou, deitou-se e adormeceu.'

Dobson utilizou-se este trecho para mostrar o uso do conectivo *ire*, mas se observarmos também a forma *a?eramũ* podemos notar que esta possui um valor anafórico, que é um elemento dêitico da linguagem. O artigo intitulado *O uso de conectivos referenciais no discurso narrativo Kayabi* (Dobson, 1988, pp. 119) trata da função semântica desse e outros conectivos (*a?ere*, *a?erauwe*, *a?epipe*) com relação a duas ou mais orações.

A questão da dêixis foi pouco estudada na língua kayabi, em particular, assim como foi pouco vista nas línguas Tupi-Guarani, de modo geral. Entretanto, sabe-se que o sistema referencial ou dêitico é bastante rico nas línguas dessa família. Por exemplo, em tupinambá (Rodrigues, s.d.), para os pronomes demonstrativos, são relevantes os componentes semânticos: *i)* proximidade do falante, *ii)* proximidade do ouvinte, *iii)* visibilidade e *iv)* indeterminação.

Já em tapirapé, língua da família Tupi-Guarani, o sistema fundamental dos pronomes demonstrativos indica o tipo e a posição do objeto e a distância em relação ao falante (a classe

‘ser vivo’ segue o mesmo sistema de ‘objeto longo’). Assim, um homem ou uma faca deitados ou em ação (isto é, o homem andando ou a faca sendo empunhada) serão mostrados com o demonstrativo **eqe**, o homem sentado ou a faca encostada na parede com **ewi** e o homem de pé ou a faca enfiada no chão com **epe**. Um objeto que consista essencialmente de uma superfície plana, como camisa, retrato, será, em qualquer posição, mostrado com **epe** (Almeida, 1983). Ainda sobre essa língua, Yonne Leite (1997) complementa que a escolha de um demonstrativo ou outro se dá pela “forma” do referente (**ekwe** para “comprido”/“chato”; **epe** para “redondo”; **ewi** para “alto”²⁰), resultando, assim, em um sistema em que se juntam classificação, forma, quantificação, perspectiva do falante (próximo/distante; visível/invisível) em seu uso para apontar objetos. Os demonstrativos em tapirapé ocorrem com verbos posicionais que indicam as posições em pé, sentado e deitado. A forma “redondo”, se usada com não posicional, indica localização no espaço físico e/ou ação pontual:

V + ?ã aqui/agora

Já a forma “alto” em tapirapé, usada com não posicional, acrescenta uma duração no tempo:

V + ?ỹ aqui/hoje

Em Sateré-Maué (Tronco Tupi), quando se utiliza um demonstrativo para fazer uma referência dêitica, o emissor constrói sua perspectiva com base em várias dimensões de contraste, por exemplo: visível/não visível; se visível, está área imediata, no centro dêitico da conversa ou na área não imediata?; se na área imediata, acompanha gesto ou não?; se utiliza gesto, está na área do locutor, do receptor, na área compartilhada por ambos ou fora da área

²⁰ É preciso ressaltar que a perspectiva visual pode ser diferente da que costumamos utilizar. Assim, em Tapirapé, um *homem/mulher sentado(a)* é considerado *alto* e um *homem/mulher em pé* é considerado *redondo*,

compartilhada?; o objeto está colocado de forma pontual na superfície ou está espalhado? (Suzuki, 1997).

Em kaiabi, os demonstrativos foram descritos parcialmente. Somente na *Gramática Prática* (1997, pp. 119), há referência a esses pronomes, ainda assim com foco no seu valor locativo. Sobre eles, Dobson diz que:

“As palavras demonstrativas seguem o mesmo padrão [de ocorrência dos verbos posicionais] e indicam a diferença entre um ser passível de movimento ou não, e a posição de algo sem movimento.

	sem movimento		com movimento
	sentado	deitado	
aqui/este	ʔaŋamũ	ʔawamũ	koramũ
lá/aquele	mĩnamũ	peramũ	kweramũ
verbo usado	teni	tuwi	ekoi

Como a definição de posição tal como “sentado” ou “deitado” é muito ampla, apresentamos, aqui, uma definição mais específica:

ʔaŋamũ/mĩnamũ e o verbo teni indicam que a coisa, ou a pessoa, ocupa mais espaço vertical do que horizontal.

ʔawamũ/peramũ e o verbo tuwi indicam que a coisa, ou a pessoa, ocupa mais espaço horizontal do que vertical.

koramũ/kweramũ e o verbo ekoi indicam que há movimento atual, ou potencial. Por exemplo, algo que está pendurado ou que está em água, pediriam estas formas, pois o movimento expresso pode ocorrer com qualquer ventinho ou com movimento d’água.”

No entanto, analisando os dados sobre kaiabi, observa-se que os traços que Dobson (1997) apresenta como relevantes estão em parte adequados para os demonstrativos. A

por exemplo.

distinção *estendido, horizontal, estendido, vertical e neutro* (que pode indicar com movimento ou em posição indefinida) parece ser mais abrangente que a proposta por Dobson, principalmente se consideramos a ocorrência $\text{ʔaŋamũ}/\text{ʔaŋa}$; $\text{ʔawamũ}/\text{ʔawa}$; $\text{koramũ}/\text{koa}$; $\text{mĩnamũ}/\text{mĩã}$; $\text{peramũ}/\text{pea}$; $\text{k}^{\text{w}}\text{eramũ}/\text{k}^{\text{w}}\text{ea}$ (ver quadro pp. 54). No trecho citado anteriormente, Dobson considera apenas as formas com o sufixo $\text{amũ} \sim \text{ramũ}$, mas as formas sem o prefixo ocorrem também, como se pode ver nos exemplos 88 a 94.

- | | | | | |
|------|-----------------------------------|-------------------|----------------|---|
| (73) | koramũ | kaʔi-a | rekoi | 'isto é macaco' (andando no chão, perto do falante) |
| | isto | macaco-mn | V[n-est] | |
| (74) | $\text{k}^{\text{w}}\text{eramũ}$ | kaʔi-a | rekoi | 'aquilo é macaco' (andando no chão, longe do falante) |
| | aquilo | macaco-mn | V[n-est] | |
| (75) | koramũ | kaʔi-a | rekoi | 'isto é macaco' (pendurado no galho, perto do falante) |
| | isto | macaco-mn | V[n-est] | |
| (76) | ʔaŋamũ | kaʔi-a | renĩ | 'isto é macaco' (sentado no galho, perto do falante) |
| | isto | macaco-mn | V[vert] | |
| (77) | ʔawamũ | kaʔi-a | ruwi | 'isto é macaco' (no girau, assando, perto do falante) |
| | isto | macaco-mn | V[hor] | |
| (78) | peramũ | kaʔi-a | ruwi | 'aquilo é macaco' (no girau, assando, longe do falante) |
| | aquilo | macaco-mn | V[hor] | |
| (79) | ʔawamũ | moja | ruwi | 'aquela cobra' (morta) |
| | esta | cobra-mn | V[hor] | |
| (80) | ʔaŋamũ | kasuru-a | reni | 'este cachorro' (sentado, perto do falante) |
| | esse | cachorro-mn | V[vert] | |
| (81) | minamũ | kasuru-a | reni | 'aquele cachorro' (sentado, longe do falante) |
| | aquele | cachorro-mn | V[vert] | |
| (82) | peramũ | kasuru-a | ruwi | 'aquele cachorro' (deitado, dormindo, longe do falante) |
| | aquele | cachorro-mn | V[hor] | |

(83) peramũ tuwi ‘aquele [cachorro]’ (deitado, dormindo, longe do falante)
aquele V[hor]

(84) peramũ iʔamĩ ‘aquele [cachorro]’ (em pé, longe do falante)
aquele V[em pé]

Dobson não registra a ocorrência do verbo posicional iʔamĩ (exemplo 84 e 85) com os demonstrativos. Verificou-se, no entanto, este pode ocorrer com as formas peramũ (exemplo anterior) e ʔawamũ:

(85) ʔawamũ ʔiwa ʔamĩ je pĩci ‘esta árvore está aqui, bem perto
esta árvore V[em pé] 1s perto de mim’

De acordo com o que se pode observar nos dados da pesquisa ora apresentada, as formas teni, tuwi, ekoj e iʔamĩ acompanham o demonstrativo quando este ocorre sozinho, sem o substantivo. Quando ocorrem com o substantivo expresso, são encontradas as formas reni, ruwi, rekoj e ʔamĩ (como se pode ver nos exemplos 73 a 82 e 85). Há, ainda, a ocorrência do demonstrativo *poramũ*²¹ que não é mencionado por Dobson (1997).

(86) – maʔja te poramũ ‘o que é isso?’ (barulho que se ouve)
o quê inter isso (audível)

– kaʔi ipo ‘isso é macaco’
macaco isso

– maʔape te ekoj ‘onde ele está?’
onde inter estar

– pew ekoj ‘está lá’
lá estar

(87) awiʔjä te poramũ ojeʔeŋ ‘Quem é que está falando?’ (conversa que
quem inter isso (audível) conversar se ouve)

²¹ O morfema *ramũ*, segundo Dobson (1998), “expressa o resultado final de uma ação. Outro uso de *ramũ* é aquele que expressa a idéia de transformar-se, por exemplo, mudança de estado, muito utilizado nas histórias”. Os demonstrativos, porém, não parecem estar relacionados a nenhum desses sentidos.

Foi possível observar durante a pesquisa e nos cursos de formação de professores que os demonstrativos podem ocorrer como nos exemplos 73 a 87, na forma extensa (com o sufixo *amũ ~ ramũ*), ou podem ocorrer com a queda da consoante nasal (*ʔaʔerãũ, porãũ, ʔaŋãũ*, etc). Os professores kaiabi associam tais formas como característica da fala dos velhos.

Um outro aspecto que não é tratado por Dobson, é a ocorrência do demonstrativo como modificador. Nos dados coletados, ele pode acompanhar o nome e receber a marca nominal, assim como ocorre em kamaiurá, em que os demonstrativos também são encontrados precedendo o nome núcleo, marcados ou não com o sufixo {-a} (Seki, 2000, pp. 118). Processo muito semelhante ocorre em kaiabi, como se pode ver abaixo.

- (88) ko-a moʔir-a esageaɪ 'este colar é bonito' (colar no pescoço, pendurado
este-mn colar-mn bonito ou segurando)
- (89) mĩ-ã moj 'aquela cobra' (enroscada)
aquela-mn cobra
- (90) k^we-a moj 'aquela cobra' (andando)
aquela-mn cobra
- (91) ʔaŋ-a moj 'esta cobra' (armada para o bote)
esta-mn cobra

O demonstrativo pode ocorrer, também, com o substantivo elíptico.

- (92) aw-a esageaɪ 'este é bonito' (caderno deitado na mesa)
este-mn bonito
- (93) aŋ-a esageaɪ 'este é bonito' (caderno em pé na mesa)
este-mn bonito
- (94) mĩ-ã ʔiw-a i-ti pew 'essa árvore existe lá' (vendo uma árvore igual
essa árvore-mn 3s-ter lá - distante do falante e do ouvinte)

No levantamento de algumas ocorrências, temos:

<p>?aŋamũ/?aŋa pica-pau rádio botina panela periquito flor árvore mato panela cachorro sentado cobra armando o bote canoa encostada no porto vela (em pé na mesa) pessoa sentada borduna pendurada</p>	<p>minamũ/mĩã cuia (fora d mingau) cuia (de boca para baixo) pessoa sentada flor pequi galinha chocando banco kaiabi cachorro sentado nas patas traseiras cobra enrodilhada</p>
<p>?awamũ/?awa árvore canoa fogo banco cobra morta faca pé de mandioca caderno sobre a mesa borduna encostada na parede caderno deitado na mesa colar na mesa</p>	<p>peramũ/pea árvore ervilha no saquinho faca na cozinha cachorro deitado cachorro em pé banco comprido</p>
<p>koramũ/koa canoa em movimento mala pendurada cuia dentro do mingau caminho (estrada) anta (andando) camisa no corpo colar no pescoço galinha ciscando rede pano</p>	<p>k^weramũ/k^wea rede (oferecendo) mutap (oferecendo) rede cobra em movimento galinha ciscando macaco andando no chão peixe na água</p>
<p>poramũ galinha (som) macaco (som) conversa</p>	

A forma *k^weramũ* é utilizada, também, quando se apresenta alguém ou quando se oferece algo (a rede, o pirão de peixe, o banco) para uma visita, por exemplo.

Observando a ocorrência dos demonstrativos abaixo, é possível perceber que a sustentação do objeto, seu tamanho com relação à superfície ‘chão’ interferem na utilização de uma ou outra forma²²:

(95) *pea kanawa* ‘aquele banco’

(96) *mĩã kanawarete* ‘aquele banco’ (banco kaiabi)

Assim sendo, os traços relevantes para o uso de uma forma demonstrativa ou outra parecem decorrer da interrelação da **posição** do objeto e a **distância** com relação ao locutor, caso o objeto esteja visível, e a audibilidade, se não estiver visível, juntamente com a utilização dos verbos posicionais (ver exemplos 83 e 84). Assim, o quadro dos demonstrativos fica da seguinte forma, diferentemente do apresentado por Dobson:

Distância Posição	Bem próximo do falante ou tocando o objeto	Afastado do falante	Não visível	Verbo
Horizontal estendido	awamũ/awa	peramũ/pea		tuwi ?amĩ
Vertical estendido	aḡamũ/aḡa	minamũ/mĩã		teni
Neutro	koramũ/koa	k^weramu/k^wea		ekoj
Audível			poramũ	

²² Esta questão, no entanto merece um estudo mais aprofundado, o que não foi possível fazer neste trabalho.

IV

IV. CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONOMES PESSOAIS E DEMONSTRATIVOS X ESCRITA

4.1. Escolas Kaiabi no PIX

Para falar sobre escrita, é preciso falar sobre escola. Ainda hoje, entre os povos indígenas, vale a afirmação de Meliá (1989, pp. 11):

“Não existe escola sem escrita e quase não se dá escrita sem escola. Os dois termos não se correspondem, mas estão sempre muito ligados entre si. (...) Mesmo quando houve experiências de alfabetização por meios informais, (...) as exigências técnicas da alfabetização parecem conduzir ao interior da escola formal quase necessariamente.”

A experiência escolar entre os kaiabi do PIX começou com eventuais professoras não índias da FUNAI e, depois, segundo relatos de alguns professores, tiveram aulas com Mariana²³. Desta segunda experiência, alguns alunos voltaram para suas aldeias e começaram a dar aulas, voluntariamente, muitas vezes na própria casa.

Em 1994, teve início o curso de formação de professores, sob a coordenação da AVA e, posteriormente, em 1996, sob a coordenação do Instituto Socioambiental. Nos primeiros anos, a Prof^a Dr^a Lucy Seki foi quem ministrou os cursos para os professores kaiabi, ocasião

em que discutiram questões relativas ao alfabeto e deram início à construção do primeiro material para alfabetização. Foi nesse momento que decidiram pela convenção utilizada até hoje, que se diferencia daquela utilizada pelo SIL nas escolas kaiabi de fora do PIX e que se diferencia, também, da convenção proposta por Mariana. Há dois professores de escolas das outras áreas kaiabi que participam do curso (Eroit e Tangeu'i) que utilizam a outra convenção ortográfica em suas anotações e em suas escolas, mas utilizam a mesma que os professores kaiabi do PIX nas produções voltadas à elaboração de materiais. Para se chegar a esta solução, houve muitas discussões entre os professores das diferentes áreas.

Nesta primeira turma do curso de formação de professores, participaram 14 kaiabi. Destes, um parou de dar aulas e saiu do curso (Takapeju'i) e dos restantes, grande parte se formou em 2000²⁴. Há somente duas professoras nesta turma, e uma delas se mudou com a família para uma aldeia kaiabi de fora do PIX em 2001. No contexto da formação de professores, de todos os povos que participaram dessa etapa de formação, apenas em dois houve participação de mulheres (Kaiabi e Trumai). No caso dos kaiabi, isso possibilitou a inserção de textos escritos por mulheres no material didático.

Estas informações são dados importantes para a produção escrita, pois somente graças à participação delas foi possível incluir, ainda que incipientemente, a “fala” feminina no primeiro material de leitura (ver anexos). Se não houvesse professoras, provavelmente o material escrito sairia apenas com a variação masculina da língua.

²³ Mariana Kawall Leal Ferreira, pesquisadora da área de etnomatemática, autora do livro Madikauku, os dez dedos da mão: matemática e povos indígenas no Brasil.

²⁴ Para a conclusão do curso, foi necessária uma série de requisitos, como entregar um trabalho de pesquisa individual, ter participado do curso desde os primeiros anos (94/95), ser assíduo, estar dando aula regularmente. Para os que iniciaram mais tarde ou que não atendiam a todos os outros requisitos, o curso continuou. Houve, também, a inclusão de novos professores a partir de 2000.

4.2. Alfabeto Kaiabi

O alfabeto utilizado hoje nas escolas kaiabi foi escolhido pela turma de professores kaiabi, depois de muita discussão acerca da convenção da escrita e da convenção já utilizada para a língua kaiabi. É evidente que optar por um novo alfabeto, diferente dos demais, tem um caráter político de fortalecimento do grupo xinguano. Se, por um lado, isto separa ainda mais o povo kaiabi (de dentro e de fora do PIX), por outro, mostra autonomia do grupo e sua participação no processo de construção da escrita.

A escrita hoje utilizada é de base fonológica, muito próxima da realização fonética em certos contextos e, em grande parte devido a isso, é bastante flutuante, pois há a tendência de se acompanhar as variações da fala. Por exemplo, o conectivo *a'eramũ* aparece escrito também como *a'erãũ*; a posposição *pyw* aparece como *pywu* ou *pywo*, neste caso mostrando ainda a interferência do português²⁵.

Apresentamos, a seguir, as duas versões do alfabeto utilizadas dentro e fora do PIX, apesar de serem pequenas as diferenças entre eles:

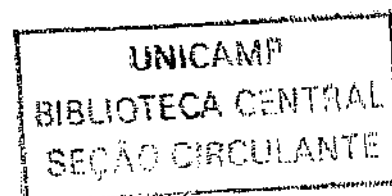
Fonemas	Grafemas	
	IPA	Utilizado no PLX
a	a	a
ã	ã	ã
e	e	e
ẽ	e	ẽ
f	f	f
g	g	g
ŋ	ng	ḡ
i	i	i
ĩ	ĩ	ĩ
j	j (_V), em início de sílaba i (V_), em final de sílaba	j (_V) i (V_)
k	k	k
k ^w	kw	kw
m	m	m
n	n	n
o	o	o
õ	õ	õ
p	p	p
r	r	r
s	s	s
t	t	t
u	u	u
ũ	ũ	ũ
w ~ β	w (_V), em início de sílaba w (V_), em final de sílaba	w (_V) ù (V_)
ɨ	y	y
ɨ̃	y	ȳ
ʔ	'	'

²⁵ Em português, em posição final átona, palavras escritas com *o* são pronunciadas como *u*. Isto não ocorre em kaiabi, em que o *o* representa a vogal posterior aberta baixa.

4.3. Produção escrita

Para os kaiabi, as funções da escrita na língua ainda estão restritas ao espaço escolar. Hoje, a produção de textos se dá principalmente em dois contextos: como exercício em sala de aula (entre professor kaiabi e aluno kaiabi) e como “tarefa” nos cursos de formação de professores, cujo objetivo é a produção de material didático (neste contexto, entre professor não índio e professor indígena). Devido ao contato com diferentes tipos de texto em português, os professores kaiabi reconhecem que não podem escrever o texto (ou a história) da forma como é contada. Assim, a escrita, ou a produção de texto, ganha características próprias, diferentes da narração oral, e muito semelhantes à escrita ocidental (a repetição é evitada, há uma tendência a se resumir a história, as palavras onomatopaicas são excluídas etc). Além disso, por motivos óbvios, a interlocução é suprimida: quando se escreve uma narrativa, não se sabe exatamente qual será o leitor (que estaria no lugar do interlocutor). Dessa forma, começa a existir a segmentação fala/escrita: as marcas da oralidade estarão ausentes na escrita.

As marcas de gênero pouco aparecem na escrita. Quando aparece o pronome de terceira pessoa, obrigatoriamente há a referência de gênero de autor do texto. Nestes casos, algumas frases e pequenos textos, no livro de alfabetização, apresentam as duas versões de “fala” (a masculina e a feminina). Entretanto, como há uma maioria de autores masculinos, os textos são predominantemente masculinos. Isso coloca a escrita numa perspectiva masculina.



As marcas de interlocução definida também não aparecem nos textos. Houve apenas uma tentativa de se produzir um texto utilizando-as, o que resultou em extrema artificialidade, tanto que o próprio autor não quis que o texto fizesse parte do livro. É evidente que não se escreve tudo que se fala, que há marcas próprias da oralidade. Mas, neste sentido, os textos kaiabi já estão ficando *ocidentalizados* e essa pode ser uma das dificuldades de se transcrever as histórias, a despeito do anseio que o grupo tem de registrar as histórias.

É interessante observar que há uma preferência evidente para textos descritivos ou narrativos sem a ocorrência de discurso direto. Nas narrativas orais, é muito comum a ocorrência do discurso direto (como nos exemplos 47 e 48), e é nesses trechos que se pode observar, principalmente, a presença das marcas de gênero dadas tanto pelos pronomes de terceira pessoa como pelas marcas de interlocução, refletindo o delicado jogo entre os personagens do texto e o narrador. Na oralidade, mesmo as pequenas histórias do cotidiano são recheadas de discurso direto, porém, dos textos que aparecem nos dois materiais didáticos, nenhum o apresenta. Tal ausência pode se dar devido a: i) temática proposta na orientação dos trabalhos restringe a diversidade, dificultando a inserção de narrativas; ii) maior segurança por parte dos professores para escrita de textos descritivos, seja pela prática adquirida ao longo dos cursos, seja pelas referências que os professores kaiabi têm do que seja material didático na língua; iii) pouco domínio dos recursos de pontuação necessários para reproduzir o discurso direto.

Uma outra questão que merece cuidado é com relação aos demonstrativos. Por exemplo, na Cartilha 1 do SIL, quando se apresenta uma palavra, há um desenho simples sobre ela e uma frase abaixo (ver anexos). Em alguns casos, a frase é iniciada pelo demonstrativo, geralmente iniciada por “isto é...”, como consta na tradução. Alguns kaiabi,

porém, não aceitam a forma coma com está no livro. Em dois momentos, foram feitas análises do material citado para tentar compreender tal resistência: a primeira com Tymãirũ, feita por Lucy Seki em 1990, e a segunda com Sr. Nicolau, feita por mim, em 1998, apresentadas no quadro abaixo²⁶ (as formas aceitas não estão repetidas).

	Cartilha ²⁷	Tradução	Tymãirũ	Nicolau	Comentários
1	'Awamũ awasia	Isto é uma espiga de milho.	-	-	Porque está deitado.
2	Koramũ yara	Isto é uma canoa.	-	-	Porque está em movimento.
3	'Awamũ mani'ywa.	Isto é mandioca.	-	-	Porque tem galho e ramo em pé.
4	'Awamũ marakaje'enga.	Isto é um rádio.	'Agamũ marakaje'enga.	'Agamũ marakaje'enga.	Porque está em pé, é compridinho. Se tem dois ou mais, pode falar 'awamũ.
5	Koramũ mytũa.	Isto é um mutum.	'Awamũ mytũa.	-	Andando, em pé.
6	'Agamũ myapaawa.	Isto são sapatos.	-	-	
7	Koramũ tamanauua.	Isto é um tamanduá.	'Awamũ tamanauua.	-	Em pé, andando.
8	Koramũ tapi'ira.	Isto é uma anta.	'Awamũ tapi'ira.	-	Em pé, andando.
9	'Awamũ typyku'ëa.	Isto é um cupim.	'Agamũ typyku'ëa.	'Agamũ typyku'ëa.	Porque está em pé.
10	Koramũ tywapea.	Isto é um papagaio.	'Agamũ tywapea.	'Agamũ tywapea.	Porque está sentado.
11	Koramũ akykya rekoĩ.	Isto é um guariba.	'Agamũ akykya renĩ.	-	Porque está andando no galho.
12	Koramũ karupama.	Isto é um veado.	'Awamũ karupama.	-	

A aceitação das frases da cartilha e/ou sua correção nos dão referências importantes sobre a utilização dos demonstrativos e confirmam alguns dos traços relevantes apresentados

²⁶ Na primeira coluna, apresentamos a frase da cartilha; na segunda, a tradução; na terceira, a correção feita por Tymãirũ; na quarta, a correção feita pelo Sr. Nicolau e na quinta coluna, comentário do Sr. Nicolau.

anteriormente. Por exemplo, em 4, vê-se que o demonstrativo utilizado não está adequado, pois os dois informantes o corrigiram. Percebe-se, também, que as “justificativas” apresentadas não explicam, de fato, a utilização de uma forma ou outra, dando indícios da complexidade do sistema dos demonstrativos da língua kaiabi, como podemos verificar em 9, em oposição a 10 e 8: *em pé*, no primeiro, não significa o mesmo que em 8 e não se utiliza o mesmo demonstrativo; em 9 e 10, são utilizados os mesmos demonstrativos para diferentes justificativas.

Em 5, 7, 8 11 e 12, casos em que a frase apresentada na cartilha é aceita pelo Sr. Nicolau - desde que se leve em consideração o comentário feito -, e que é corrigida por Tymãirũ, é preciso levar em consideração a perspectiva do leitor diante da cartilha. No tipo de apresentação da cartilha, há duas possibilidades de leitura: relacionar a frase ao desenho ou ao mundo real. Assim, um desenho de um tamanduá (exemplo 7), que o registre numa posição estática, receberia a frase *'awamũ tamanauua* (isto é um tamanduá – estendido horizontal). Mas, no mundo real, em que o tamanduá pode estar andando, pode-se utilizar o demonstrativo *koramũ tamanauua* e a frase, então, deixa de ser aplicada ao desenho apresentado. Assim, um leitor pode achar que a frase está ruim, se sua perspectiva for o desenho ou que a frase está boa, abstraindo-se do desenho (como em 7).

Supondo que se esteja produzindo materiais sobre demonstrativos, com o objetivo de fazer o aluno refletir sobre sua língua, o cuidado na apresentação da forma *poramũ* deve ser grande. Qual seria a estranheza do aluno ao se deparar com um desenho de um barco e a frase abaixo: *poramũ țara* (‘isto é som do barco). Se a intenção é produzir materiais interessantes

“justificando” uma forma ou outra.

²⁷ As frases estão reproduzidas com a ortografia utilizada na cartilha.

para os alunos kaiabi, é fundamental que os professores reflitam sobre a língua e entendam a finalidade dos exercícios propostos e sua adequação. Os projetos de formação devem levar em conta, também, a necessidade de diversificação textual, de produção de textos que levem em consideração questões discursivas próprias, de forma que o professor indígena se identifique com os textos que apresentar para seus alunos.

CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como objetivo apresentar alguns dos aspectos dêiticos da língua kaiabi, pertencente ao tronco Tupi, família Tupi-Guarani (Rodrigues, 1986), de modo particular pronomes pessoais (focalizando os de 3ª pessoa) e demonstrativos, limitados ao nível da sentença e de pequenos textos (portanto, não foram abordados aspectos anafóricos e catafóricos).

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresentou um breve histórico do povo Kaiabi, sua transferência para o PIX e informações sobre a língua falada por eles, além de materiais bibliográficos sobre a língua e informações sobre os dados da pesquisa.

No segundo capítulo, foram apresentados aspectos gerais da língua, com base nos estudos feitos por Dobson (1973, 1988, 1997), Weiss (1961) e Weiss & Dobson (s.d.). Enfatizou-se a questão das mudanças morfofonêmicas pela riqueza de processos existentes na língua kaiabi e foi feita uma ordenação das regras de mudança, aspecto não abordado por Dobson.

O terceiro capítulo tratou de alguns aspectos dêiticos da língua – os pronomes pessoais, com ênfase na terceira pessoa que apresenta marcas de gênero (do falante e do referente) e nas partículas marcadoras de interlocução, que também apresentam tais marcas. Com relação aos aspectos dêiticos temporais, a análise limitou-se aos pronomes demonstrativos.

Com relação às marcas de gênero, Dobson já havia verificado que o pronome de terceira pessoa reflete simultaneamente o gênero do falante e do referente. Porém, é possível

observar que, nas narrativas em que há participantes de diferentes gêneros envolvidos, o discurso direto reflete o locutor daquela oração, independentemente do gênero do narrador. Esta questão não foi abordada pela supracitada autora. Assim, a ocorrência destes pronomes parece ter uma função discursiva, apontando para o locutor, e não somente para acompanhar o nome, como descrito por Dobson. Essa mesma função parece ocorrer no caso de pronome acompanhando nome de animal. Pode ocorrer a forma “neutra”, em que o locutor não é marcado, o que mostra que a ocorrência do pronome, nestes casos, não é obrigatória.

Além de apontar para o locutor, a ocorrência dos pronomes acompanhando os substantivos pode estar relacionada com intenção de se enfatizar o termo da oração, mas esta questão merece um aprofundamento maior.

Com relação às partículas de interlocução, estas indicam quem fala e para quem se fala (através delas, sabe-se o sexo do falante e do ouvinte). Além disso, as partículas têm uma função fática; quando o contador de história as utiliza, o interlocutor – aquele para quem a história está sendo contada - responde.

No que se refere aos pronomes demonstrativos, a abordagem feita por Dobson é bastante restrita, como se pode observar terceiro capítulo. Ainda que não tenha sido feito um estudo exaustivo dos demonstrativos em kaiabi no presente trabalho, pôde-se aprofundar mais a questão. Foram analisadas as ocorrências dos pronomes demonstrativos e os verbos posicionais que os acompanham. De acordo com o que se pôde observar nos dados da pesquisa ora apresentada, as formas *teni*, *tuwi*, *ekoj* e *iʔamĩ* (verbos posicionais) acompanham o demonstrativo quando este ocorre sozinho, sem o substantivo. Quando ocorrem com o substantivo expresso, são encontradas as formas *reni*, *ruwi*, *rekoj* e *ʔamĩ*. Há, ainda, a ocorrência do demonstrativo *poramũ*, não

mencionado por Dobson (1997), e que apresentamos aqui. Um outro aspecto não tratado nos trabalhos de Dobson é a ocorrência do demonstrativo como modificador. Nos dados coletados para a pesquisa que ora é apresentada, ele pode acompanhar o nome e receber também a marca nominal.

Assim, chegou-se aos os traços relevantes para o uso de uma forma demonstrativa ou outra: é necessária a junção de duas referências - a posição do objeto e a distância com relação ao locutor, caso o objeto esteja visível, e a audibilidade, se não visível, juntamente com a utilização dos verbos posicionais:

Finalmente, no quarto capítulo, foram apresentadas algumas considerações sobre a produção escrita no contexto da formação dos professores, de modo particular no que se refere aos pronomes de terceira pessoa e os demonstrativos, visto que a utilização destas formas está estritamente ligada à oralidade, além de informações sobre as escolas kaiabi e questões relativas ao alfabeto em uso.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, A. IRMÃZINHAS DE JESUS & GOUVEIA, L.

1983: A Língua Tapirapé. Rio de Janeiro, Xerox do Brasil.

ANDERSON, S.R & KEENAN, E. L.

1985: *Deixis*. In Language typology and syntactic description - vol.3. Ed. Timothy Shopen. USA, Cambridge, pp 259 – 307.

BENVENISTE, E.

1988: *A natureza dos pronomes*. In Problemas de Linguística Geral I. Campinas, Pontes, pp. 277 – 283.

BORELLA, C. C.

2000: Aspectos Morfossintáticos da Língua Aweti. Dissertação de Mestrado. Campinas, UNICAMP.

CAMARA, M

1974: Princípios de Linguística Geral. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

COLLISCHONN, G.

1996: *A sílaba em Português*. In Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro. Org. Leda Bisol. Porto Alegre, EDIPUCRS, pp. 95 – 157.

COMRIE, B

1976: Aspect. Cambridge. USA.

COMRIE, B.

1989: Language universals and linguistic typology. Oxford, Basil Blackwell.

CRAIG, C. G.

1990: Linguistic Fieldwork: the case of Rama. University of Oregon.

DOBSON, R. M.

1973: *Notas sobre substantivos do Kayabí*. In Série Lingüística nº 1. Brasília, SIL, pp. 33-56.

1976: *Repetição em Kayabí*. In Série Lingüística nº 5. Brasília, SIL, pp. 83-105.

1977: *Kayabí Texts*. Microficha (cópia no CEDAE/Unicamp)

1980: *Clause Patterns of Kayabí*. Texto (a cópia no CEDAE/Unicamp).

1988: Aspectos da língua Kayabí. Série Lingüística nº 12. Brasília, SIL.

1991: *Arquivo de textos indígenas*. Texto. (a cópia no CEDAE/Unicamp)

1997: Gramática prática com exercícios da língua Kayabí. Arquivo Lingüístico nº 228. Cuiabá, SIL.

FERREIRA, M. K. L.

1998: *A matemática na vida cotidiana e na experiência escolar indígena: a trajetória Kayabi até o Parque do Xingu*. In Madikauku, os dez dedos das mãos: matemática e povos indígenas no Brasil. Brasília, MEC, pp. 88-107.

FILLMORE, C.J.

1975: Santa Cruz lectures on deixis. Berkeley, University of Califórnia.

GIVÓN, T.

1984: Syntax: a functional-typological introduction. Vol I. Amsterdam/ Philadelphia: Jonh Bejamins.

GRÜNBERG, G.

1970: *Beiträge zur Ethnographie der Kayabi Zentralbrasiliens*. In Archiv für Völkerkunde. Viena, 24. (*Contribuições para a Etnografia dos Kayabi do Brasil Central*, trad. Eugênio Wenzel, s.d.)

Jane Jemu'Jawa Ypirungawa Jane Je'enga: livro para alfabetização da língua Kaiabi. São Paulo, Instituto Socioambiental; Brasília, MEC, Secretaria de Educação Fundamental, 1999.

KIBRIK, A. E.

1977: The methodology of field investigation in linguistics. Mouton. Paris, The Hague.

LEITE, Y.

1997: *De homens, árvores e sapos: forma, espaço e tempo em Tapirapé*. In Actas de las III Jornadas de Lingüística Aborigen. Universidade de Buenos Aires, pp.

LYONS, J

1975: *Deixis as the source of reference*, Formal Semantics of Matural languages papers from a colloquium sponsored by the king's College research Center, Cambridge, editado por Edward L. Keenan Cambridge University Press. New York.

1979: Introdução à Lingüística Teórica. São Paulo, Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo.

MELIÁ, B.

1989: *Desafios e tendências na alfabetização em lingua indígena*. In A Conquista da Escrita – encontros de educação indígena OPAN. Orgs. Emiri, L. & Monserrat, R. São Paulo: Iluminuras, pp. 9-16.

1993: *Os Caiabis Não-xinguanos*. In Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu. Org. Coelho, V. P. São Paulo: Edusp, pp. 445-484.

Povos Indígenas do Brasil, 1996-2000. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

RAUH, G.

1981: *Aspects of deixis*. Berlim

RODRIGUES, A. D.

1986: Línguas Indígenas do Brasil - Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola.

(s.d.) *Estrutura do Tupinambá*. (cópia cedida)

SCHACHTER, P

1985: *Parts-of-speech systems*. In Language typology and syntactic description - vol.1.
USA: Ed. Timothy Shopen. Cambridge, pp. 3 – 61.

SCHMIDT, M.

1942: *Los Kayabi em Mato-Grosso (Brasil)*. In: Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, Assunción, 5.

SHOPEN, T.

1996: Language typology and syntactic description. USA: Cambridge.

SEKI, L.

1990: *Kamaiurá (tupi-guarani) as an Active-Static Language*. In Amazonian Linguistics - Studies in Lowland South American Languages. Ed. Doris L. Payne. Austin: University of Texas, pp. 367-391.

1993: *Notas sobre a história e a situação lingüística dos povos indígenas do Parque Xingu*. In Lingüística Indígena e Educação na América Latina. Org. Seki, L. São Paulo: Editora da UNICAMP, pp. 89 – 117.

1999: *Categorias Lexicais e categorias sintático- funcionais em Kamaiurá (Tupi-Guarani)*. In “I Congresso de Línguas Indígenas da Sudamérica”. Lima, Peru.

2000: Gramática da Língua Kamaiurá. Campinas: Editora da Unicamp.

SENRA, K. V.

1999: *Verbete sobre os Kayabi*. In www.socioambiental.org

SOUZA, A. P.

1916: Exploração do rio Paranatinga 1915-1916. Comissão de Linhas Telegráficas (vol. 34).

SUZUKI, M.S

1997: Ou Isto ou Aquilo - Um estudo sobre o sistema dêitico da língua Sataré - Mawé.
Dissertação de Mestrado. Guajará – Mirim: Centro de Pesquisas das Línguas
Amazônicas.

TRAVASSOS, E.

1993: *A tradição guerreira nas narrativas e nos cantos caiabis*. In Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu. Org. Coelho, V. P. São Paulo: Edusp, pp. 445-484.

VILLAS BÔAS, O. & VILLAS BÔAS, C.

1989: Xingu: os Kayabi do rio São Manoel. Porto Alegre: Kuarup.

WEISS, H. E. & DOBSON, R. M.

s.d.: *Phonemic Statement of Kayabi* (paper) – a cópia se encontra no CEDAE
(IEL/Unicamp)

WEISS, H. E.

1961: *Formulário dos Vocabulários padrões para os estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras – PI Xingu/Posto Tatuí – Rio dos Peixes – a cópia se encontra no CEDAE (IEL/Unicamp)*

1972: *Kayabi Verbs*. A cópia se encontra no Cedae (IEL/Unicamp).

1985: *Kayabi (Tupian) kinship terminology*. In South American kinship: eight kinship systems from Brazil and Colômbia. Dallas: The International Museum of Cultures, pp. 113-22.

1998: Para um dicionário da língua kayabi. Tese de doutorado. USP. São Paulo.

SOUZA, P. B. (org

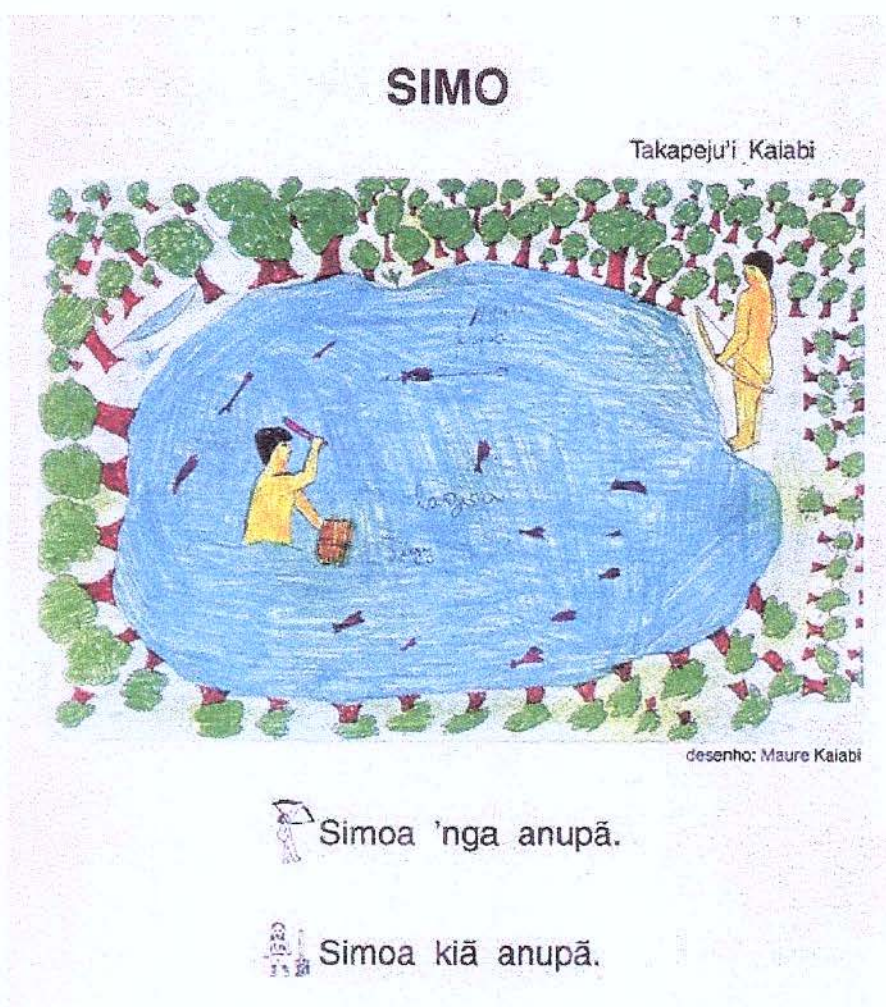
(no prelo) Yrũ Okote'em: livro de leitura na língua Kaiabi.

ANEXOS

ANEXOS

Anexo I

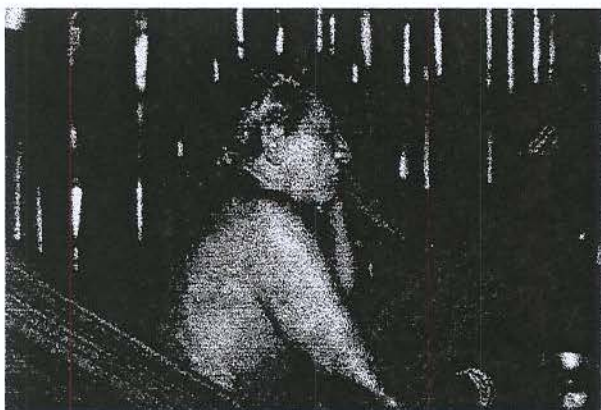
O Livro de Alfabetização elaborado pelos professores kaiabi do Parque Indígena do Xingu traz, em alguns casos, as frases ou pequenos textos nas versões de fala masculina e feminina, como se pode ver abaixo do desenho.



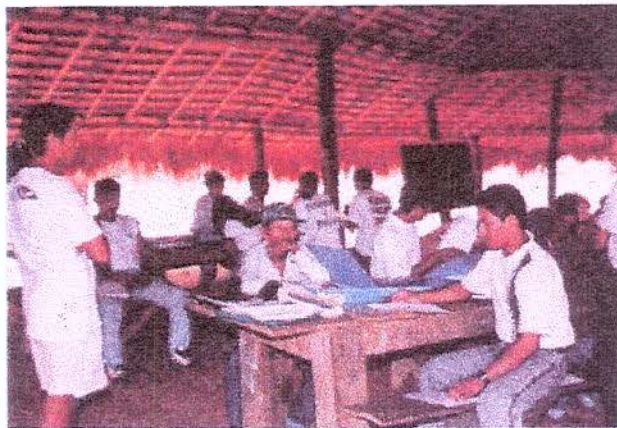
Exemplo da cartilha editada pelo SIL que apresenta frases com demonstrativos.



Anexo 2:



Pesquisa sobre tatuagem - Kupeap e Jemy Kaiabi (professor) – Aldeia Capivara, 1998.



Aldeia Guarujá, 1998. À direita, Prepori Kaiabi, um dos primeiros kaiabi a se mudar para o PIX.

Acima:
Professora Arasi Kaiabi tatuada com padrão feminino - Curso de Formação de Professores, 1997. Posto Diauarum, PIX.



Aukusing Kaiabi contando história sobre briga dos kaiabi com apiaká. Aldeia Maraka, 1998.

Acima:
Curso de Formação de Professores Indígenas. Pesquisa sobre a festa Jowosi, para produção de textos. Em primeiro plano, os professores Aturi e Matari.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE